

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

JOELMA RIBEIRO DE OLIVEIRA

**ESPACIALIDADES E CURRÍCULO
EM ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS/ES
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**SÃO MATEUS
2019**

JOELMA RIBEIRO DE OLIVEIRA

**ESPACIALIDADES E CURRÍCULO
EM ESCOLAS DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS/ES
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Andrea Brandão Locatelli

**SÃO MATEUS
2019**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

R484e RIBEIRO DE OLIVEIRA, JOELMA, 1977-
ESPACIALIDADES E CURRÍCULO EM ESCOLA DO
CAMPO NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS/ES NAS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL / JOELMA
RIBEIRO DE OLIVEIRA. - 2019.
110 f. : il.

Orientadora: ANDREA BRANDÃO LOCATELLI.
Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário
Norte do Espírito Santo.

1. ESPACIALIDADES. 2. CURRÍCULO. 3. SUJEITOS. 4.
EDUCAÇÃO DO CAMPO. I. BRANDÃO LOCATELLI,
ANDREA. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro
Universitário Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 37

JOELMA RIBEIRO DE OLIVEIRA

**Espacialidades e Currículo em Escola do Campo no Município de
São Mateus/ES nas séries iniciais**

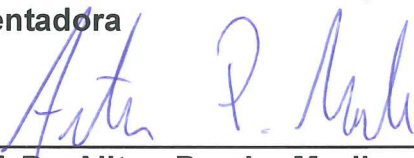
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 19 de setembro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª. Andrea Brandão Locatelli
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora



Prof. Dr. Ailton Pereira Morila
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Damián Sánchez Sánchez
Universidade Federal do Espírito Santo

Aos meus pais Darci e Resoni, homem e mulher do campo, que dedicaram suas vidas na educação dos filhos, ao meu companheiro Sebastião apoiador de todas as minhas escolhas e aos meus filhos Geovanna Tainá e Thalles que são o motivo de minhas alegrias.

Sou grata a minha irmã Joseane que me auxilia nos afazeres acadêmicos; a minha orientadora Andrea Brandão Locatelli; As professoras, alunos, pedagoga e diretora da EPM “Nova Vista” que contribuíram com esta pesquisa; As Companheiras do Setor da Educação do Campo da Secretaria Municipal de Educação de São Mateus; Aos membros da banca, Prof. Dr. Damián Sánchez Sánchez e Prof. Dr. Ailton Pereira Morila; A companheira Ana Cristina Soprani, mulher de fibra que me inspira; A Nídia Barros e Maiza Gabrielle Ribeiro Pereira, amigas que sempre me auxiliaram nas dificuldades da vida acadêmica.

RESUMO

Este estudo intitulado Espacialidades e Currículo em Escola do Campo no Município de São Mateus/ES nas Séries iniciais do Ensino Fundamental analisará a Constituição da Espacialidade, bem como a sua relação com o Currículo proposto para a Educação do Campo no Município de São Mateus, buscando compreender suas singularidades e contribuição no processo educativo, além de descrever como o espaço da escola é ocupado pelos atores sociais que a utilizam, em vista de conhecer suas experiências de ensino e aprendizagem. Como referência de pesquisa, teve-se a EPM “Nova Vista” e os sujeitos que nela estudam e trabalham. Os espaços internos e externos escolar são vistos como lugares de experiências e de aprendizagens que em sua materialidade, está impregnado de signos, símbolos e marcas que elaboram conhecimentos. Os espaços são elementos significativos do currículo da Educação do Campo. Para desenvolver este estudo baseou-se nas contribuições teóricas de Arroyo (1999, 2016), Frago e Escolano (2001), Certeau (2005), Pizeta (1999), Caldart (2000, 2004, 2012), Freire (1987, 1996), dentre outros, que possibilitaram aprofundar a temática estudada. A Construção dos dados se deu a partir da criação da matriz de análise, logo passou-se a dialogar com os sujeitos da escola numa proposta de questionário semiestruturado e realização de desenhos temático feito pelos alunos. Com base nos resultados analisou-se as concepções da equipe de gestão, das professoras e dos alunos de como se dá a aplicação do Currículo (Plafec) e como os sujeitos ocupam os espaços da escola. Isso indicou as maneiras de fazer no cotidiano da equipe de gestão, dos professores e dos alunos da EPM “Nova Vista” na Educação do Campo. Embora perceba-se falta de entendimento por parte dos sujeitos envolvidos na pesquisa sobre a importância da utilização dos espaços internos e externos da escola e fora dela como locais de aprendizagem.

Palavras Chave: Espacialidades. Currículo. Sujeitos. Educação do Campo.

ABSTRACT

This study entitled Spatialities and Curriculum in the School of the Field in the County of São Mateus/ES in the early grades of Elementary School will analyze The Constitution of Spatiality, as well as its relation with the proposed Curriculum for the Education of the Field in the County of São Mateus, seeking to understand its singularities and contribution in the educational process, besides to describe how the school space is occupied by social actors who use it, considering to know their teaching and learning experiences. As a research reference, had to EPM “Nova Vista” and the subjects who study and work there. The internal and external school spaces are seen as places of experiences and learning that in their materiality, is ingrained with signs, symbols and marks that elaborate knowledge. Spaces are significant elements of the Field Education Curriculum. To develop this study it was based on the Arroyo's theoretical contributions (1999, 2016), Frago and Escolano (2001), Certeau (2005), Pizetta (1999), Caldart (2000, 2004, 2012), Freire (1987, 1996) , among others, who made it possible to probe the studied theme. The construction of the data gave up from place from analysis matrix creation, and soon began to dialogue with the school subjects about a proposal of a semi-structured questionnaire and thematic drawings made by the students. Based on the results, were analyze the management team conceptions, teachers and students of how the Curriculum is applied (Plafec) and how subjects occupy school spaces. It indicated the ways to do the daily management team, teachers and students of EPM “Nova Vista” in Field Education. Although there is a lack of understanding by the subjects involved in the research about the importance of using the internal and external spaces of the school and outside it as places of learning.

Keywords: Spatialities. Curriculum. Subjects. Field Education.

LISTA DE SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEB – Câmara de Educação Básica

CEE – Conselho Estadual de Educação

CME – Conselho Municipal de Educação

ENERA – Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária

EPM – Escola Pluridocente Municipal

ETA – Estação de Tratamento de Água

ES – Espírito Santo

GT – Grupos de Trabalhos

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

ONU – Organização das Nações Unidas

PE – Plano de Estudo

PLAFEC – Plano de Fortalecimento da Educação do Campo

PRONACAMPO – Programa Nacional de Educação do Campo

PRONERA – Programa Nacional na Reforma Agrária

RDC – Resolução de Diretoria Colegiada

SEDU – Secretaria de Estado da educação

SEME – Secretaria Municipal de Educação

TG – Tema Gerador

UNB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 -	EPM Nova Vista 2013	35
Imagem 02 -	EPM Nova Vista 2018	35
Imagem 03 -	Formação com a participação das famílias.....	41
Imagem 04 -	Formação com a participação das famílias	41
Imagem 05 -	Formação com a participação das famílias.....	41
Imagem 06 -	Desenho educandos 3º ano	50
Imagem 07 -	Desenho educandos 3º ano	50
Imagem 08 -	Desenho educandos 3º ano	50
Imagem 09 -	Desenho educandos 4º ano	52
Imagem 10 -	Desenho educandos 4º ano	52
Imagem 11 -	Desenho educandos 4º ano	52
Imagem 12 -	Desenho educandos 4º ano	52
Imagem 13 -	Desenho educandos 5º ano	53
Imagem 14 -	Desenho educandos 5º ano	53
Imagem 15 -	Desenho educandos 5º ano	53
Imagem 16 -	Desenho educandos 5º ano	53
Imagem 17 -	Visita a ETA	55
Imagem 18 -	Visita a ETA	55
Imagem 19 -	Visita a ETA	56
Imagem 20 -	Oficina de Argila – EPM Nova Vista	57
Imagem 21 -	Oficina de Argila – EPM Nova Vista	57
Imagem 22 -	Modelagem de objetos de cerâmica	57
Imagem 23 -	Modelagem de objetos de cerâmica	57
Imagem 24 -	Salas de aula – EPM “Nova Vista”	59
Imagem 25 -	Salas de aula – EPM “Nova Vista”	59
Imagem 26 -	Espaço utilizado - equipe pedagógica	60
Imagem 27 -	Espaço utilizado - equipe pedagógica	60
Imagem 28 -	Espaço utilizado - equipe pedagógica	60
Imagem 29 -	Planejamento Coletivo EPM “Nova Vista”	61
Imagem 30 -	Planejamento Coletivo EPM “Nova Vista”	61
Imagem 31 -	Cozinha	62
Imagem 32 -	Estoque de gêneros alimentícios	62
Imagem 33 -	Refeitório da EPM “Nova Vista”	63
Imagem 34 -	Holl de acesso às áreas internas e externas	64
Imagem 35 -	Mística	65
Imagem 36 -	Mística	65
Imagem 37 -	Momento de realização	66
Imagem 38 -	Banheiros	67
Imagem 39 -	Momento do recreio	68
Imagem 40 -	Momento do recreio	68
Imagem 41 -	Alunos na aula de agricultura	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL – PERSPECTIVA HISTÓRICA	21
2.1	CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ESPÍRITO SANTO	25
2.2	EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS PECULIARIDADES NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS	28
2.3	DESAFIOS DAS ESPACIALIDADES	31
2.4	USO DOS ESPAÇOS EXTERNOS DAS ESCOLAS DO CAMPO ...	33
2.5	A PRÁTICA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CENÁRIO NACIONAL	34
3	MATERIALIDADES QUE GERAM APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	37
3.1	ESPACIALIDADES E A RELAÇÃO DO CURRÍCULO VIVENCIADOS PELA EQUIPE PEDAGÓGICA	38
3.1.1	Diretora	38
3.1.2	Pedagoga	39
3.1.3	Os professores	41
3.2	ESPACIALIDADES E A RELAÇÃO DO CURRÍCULO VIVENCIADO PELOS ESTUDANTES	45
3.2.1	Estudantes	46
3.3	ESPAÇOS, LUGARES, OBJETOS TEMPOS DE APRENDIZAGENS	57
3.3.1	Contexto da Aprendizagem	57
3.3.2	Materialidades quem geram aprendizagens	60
3.3.2.1	Espaço Interno	60
3.3.2.2	Espaço Externo	68
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICES	80
	APÊNDICE I - MATRIZ DE ANÁLISE	81

APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO	85
ANEXOS	89
ANEXO A - DECRETO Nº 7.612, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011	90
ANEXO B – TRECHOS DO PLANO DE FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA E INTEGRADA	93

1 INTRODUÇÃO

A Espacialidade, Currículo e a Educação do Campo contribuem para uma reflexão acerca da materialidade, ou seja, os sujeitos de uma escola multisseriada compreendem a sua realidade em vários aspectos e de como essas dimensões se articulam e engendram o processo de ensino e aprendizagem, acredita-se que refletir sobre as questões da espacialidade e currículo, o lugar onde tudo acontece, é também uma contribuição para a pesquisa e qualidade da Educação do Campo.

Nesta pesquisa considera-se importante fazer uma análise de como esses espaços internos e externos são utilizados por todos que cotidianamente estão na escola. Buscando saber se a finalidade de aprendizagem está sendo atendida, bem como o bem-estar das pessoas que nela estão, pois a qualidade na educação estabelece relação direta com condições propícias de vivência, uma vez que é no espaço físico interno e externo que o educando consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas.

A Educação do Campo possui formulações sobre as demandas e necessidades do ambiente escolar, estando presentes no plano pedagógico e no social da comunidade. Dessa forma, a elaboração e construção de um projeto arquitetônico que atenda as demandas de uma Escola no Campo e do Campo, exigem ao arquiteto/a um empenho e certa percepção na compreensão das práticas pedagógicas que envolvem esse ambiente, além das possíveis contribuições às práticas cotidianas, para tanto, torna-se importante explicitar a necessidade de um maior aporte de recursos para promover as condições necessárias ao funcionamento de escolas do campo conforme apontam as diretrizes operacionais¹ para essa modalidade de ensino.

A área das construções escolares chega aos dias atuais com muitos desafios, tais como o entendimento que a aprendizagem não se dá apenas em sala de aula, sendo fundamental analisar e observar outros espaços onde também se produz

¹ As Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo são referência para a Política de Educação do Campo uma vez que na legislação educacional estabelece um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo. (Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_educ_campo.pdf>. Acesso em 12 mai 2019.

conhecimento. Os espaços internos ou externos criados para estudos, devem ser organizados de acordo com a faixa etária da criança, isto é, propondo desafios cognitivos e motores que os farão avançar no desenvolvimento de suas potencialidades. Os espaços de aprendizagem devem estar repletos de objetos que retratem a cultura e o meio social em que a criança está inserida.

Sendo estes pensados como espaço de convivência e brincadeira utilizado pelos alunos, o pátio da escola, por exemplo, é construído estrategicamente para que todos os alunos sejam vistos, e utilizá-lo para brincar e conversar gerando aprendizagem. Os outros espaços como quadra, parque, refeitório, também devem ser explorados com a finalidade de ensinar.

A fim de compreender a construção do Currículo específico para a Educação do Campo, toma-se como base, a Lei nº 9.394 de Diretrizes e Base da Educação Nacional – (LDB), a Lei nº 8.069 do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), ligado ao gabinete do Ministério Extraordinário da Política Fundiária, a Resolução CNE/CEB nº. 1 de 03 de abril de 2002, que Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Entre outras experiências de programas como o Programa Nacional de Educação do Campo, o (PRONACAMPO).

Entende-se que a implantação da Educação do Campo com currículo próprio e apropriado mostra que é possível pensar e fazer a escola para além da sua materialização dentro de uma lógica não seletiva e excludente que é constitutiva do sistema seriado, dos currículos gradeados e disciplinares. Tal proposta se insere no contexto de um movimento por uma Educação Básica do Campo.

O currículo não deve ser desconexo da vida do município, das comunidades e da escola, é preciso fazer parte da história das pessoas. Parafraseando Arroyo, levando em consideração as marcas das diversidades regionais ou da diversidade de contextos concretos de lugar, classe, raça, gênero, etnia.

Nesse sentido, cabe refletir de que maneira o espaço físico interno e externo da escola do campo contribui no currículo dos educandos. Assim, a presente pesquisa tem por

objetivo analisar a constituição da Espacialidade e sua relação com o Currículo e a Educação do Campo da Escola Pluridocente Municipal - EPM “Nova Vista”, do Município de São Mateus-ES. Mais especificamente objetiva-se analisar os espaços físicos em sua materialidade na escola EPM “Nova Vista” do município de São Mateus-ES; Visualizar suas possibilidades de ensino, considerando as especificidades da organização curricular, com vistas a compreender suas singularidades e contribuição no processo educativo; Descrever como é ocupado o espaço da escola pelos atores sociais que a utilizam e quais as suas experiências de ensino e aprendizagem;

Pesquisar sobre Currículo, Espacialidades e Educação do Campo tem relação com minha trajetória profissional e pessoal. Desde 2006 atuo como pedagoga, nas diversas modalidades de ensino das escolas do campo, porém no município em que atuava ainda não se discutia, de maneira aprofundada, a Educação do Campo.

Em 2014 iniciei a licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Humanas e Sociais no campus da Universidade Federal do Espírito Santo/Centro Universitário Norte do Espírito Santo (UFES/CEUNES). Essa formação através das leituras propostas, das indagações e debates a cerca do currículo das escolas do campo feitas pelos professores do curso me motivou a pesquisar essa temática.

Em 2016, ao assumir trabalho como pedagoga no Município de São Mateus e conhecer concretamente as escolas multisseriadas do campo, passei a participar dos debates pedagógicos e políticos, a compreender então a proposta camponesa, bem como a despertar minha consciência acerca dos sujeitos do campo e seus enfrentamentos; o que levou-me a um posicionamento crítico diante de fatos que me motivaram a pesquisar e aprofundar os estudos dessa modalidade, colocando-me cada vez mais preocupada e compromissada com essa realidade.

Ao se tratar da espacialidade, apesar da enorme importância social que o tema traz, esta é pouco discutida, principalmente, no que diz respeito às escolas públicas. A área das construções escolares chega aos dias atuais com grandes desafios sobre o que seria necessário para atender as demandas de sala de aula. Outros espaços onde se produz conhecimento, na escola, não deveriam estar restritos às salas de aula.

Ao elaborarem os planos municipais de educação percebe-se que o planejamento para a construção de escolas ou de espaço de acessibilidade, não é feito em longo prazo; ao contrário, é imediatista, obrigando aos gestores a diminuir as adequações com obras de emergência, onde a manutenção e a qualidade nem sempre prevalecem.

Para o desenvolvimento desta pesquisa é importante ressaltar o conceito da Educação do Campo, pois este se relaciona a uma postura político-pedagógica crítica, dialética, dialógica, postulando uma formação técnica e política de sujeitos politicamente conscientes, com uma visão humanizada, que valoriza o sujeito através de sua identidade cultural e considera o ponto de vista dos camponeses, bem como a trajetória de lutas de suas organizações, como afirma Arroyo (1999).

Neste contexto Caldart (2012), afirma que a Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas, seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvem no plano apenas da disputa teórica.

É nesse espaço territorial que encontramos grande parcela da população, sendo essas agricultores, ribeirinhos, pescadores, quilombolas, extrativistas, assentados e acampados da reforma agrária, trabalhadores rurais assalariados, povos das florestas, enfim, aqueles que compõem a diversidade do campo e que estabelecem relações complexas de organização social e cultural.

Segundo Caldart (2004), as Concepções e Práticas Pedagógicas da Educação do Campo em suas diferentes esferas sofrem transformações e a educação, na medida do possível incorpora essas mudanças e lida com seus resíduos, de forma que ao retomar a linha histórica, consegue-se identificar a trajetória, o modelo e o estado da arte, assim como nos indagar a respeito do projeto de educação e seu sentido frente a este contexto.

Neste sentido (Caldart, 2004) afirma, pensar a Educação do Campo torna-se um desafio ainda maior, frente a esta complexidade e por não termos tido ainda nenhuma tradição e atenção para a categoria juventude rural e suas demandas e sua preparação para um futuro diferente daquele pensado para as massas, qual seja, dar conta das demandas estabelecidas pelo sistema capitalista.

Esta pesquisa torna-se relevante, ao buscar aproximar e propor discussão no campo acadêmico acerca da Espacialidade, Currículo e Educação do Campo sobre as tensões, conflitos e possibilidades presentes nas multiplicidades de relações que acontecem no percurso de produção curricular desta escola, possibilitando indicar questões que precisam de um olhar mais atento dos gestores, dos educadores, dos educandos que tanto prescrevem como o realizam cotidianamente.

Problematizar tais questões é indispensável para compreender os elementos que se adéquam a estrutura da escola, desde o currículo ao espaço físico/arquitetônico, em que as escolas da Educação do Campo deste município estão inseridas.

Diante deste contexto, faz-se necessário retomar as indagações acerca do que os espaços internos e externos escolares tem em comum com o Currículo? De que maneira as particularidades dos sujeitos do Campo são debatidas no processo educativo perante a organização espacial da escola? Qual a interferência da espacialidade no processo ensino-aprendizagem e nas relações sociais no cotidiano da escola? Como são estabelecidas as relações entre os espaços escolares e o currículo na EPM “Nova Vista” do município de São Mateus-ES?

Na Rede Municipal de Ensino de São Mateus de acordo com as informações do segundo Seminário de Educação do Campo que aconteceu em 2019, existem 40 Escolas do Campo multiserriadas que oferecem a modalidade da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, quatorze escolas do campo que oferecem a Educação Infantil, e seis Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF), as quais possuem particularidades específicas quanto às orientações pedagógicas que conduzem as atividades das escolas, sobretudo acerca do currículo.

A Escola Pluridocente Municipal EPM “Nova Vista” segue as orientações dadas pela Secretaria Municipal de Educação (SME) do Município, pelo Setor de Educação do Campo. Utiliza-se em sua prática pedagógica um currículo próprio para as Escolas do Campo, o Plano de Fortalecimento da Educação do Campo (PLAFEC).

Para compreender a temática dessa pesquisa é necessário pensar em elementos da espacialidade, do Currículo e da Educação do Campo além da materialidade, e de

como essas dimensões se articulam e engendram o processo de ensino e aprendizagem.

Por tanto, discutir acerca dos possíveis significados e sentidos que são dados pelos sujeitos desta comunidade escolar ao currículo adotado por eles, ao espaço em que se dá as aprendizagens, e a Educação do Campo. Por vezes os saberes desses povos são ignorados nos currículos, sabe-se que são visões de mundo, posicionamentos políticos, ideológicos diferenciados, enfim, diante da diversidade de contextos nos quais estão envolvidos nos espaços legítimos dos currículos.

Segundo Miguel Arroyo (2016):

Uma constatação é que os currículos e os livros didáticos são pensados como espaços de saberes, de conhecimentos e de concepções, descolados de vivências da concretude social e política. Sobretudo, deslocando dos sujeitos humanos produtores dessas vivências sociais e dos conhecimentos (p.76).

São diversos os temas discutidos na escola e que já trouxeram subsídios, inclusive no campo da pesquisa, mas acredita-se que pensar acerca das questões do espaço escolar, o lugar onde tudo acontece, é também uma contribuição para a qualidade da educação. É importante refletirmos como esse espaço está sendo aproveitado por todos, que cotidianamente estão na escola, se o proporciona para o intuito maior da aprendizagem, com o bem-estar dos sujeitos que nela estão, pois, a qualidade na educação estabelece relação direta com condições propícias de vivência e uso.

A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Pluridocente Municipal (EPM) “NOVA VISTA” localizada no município de São Mateus região norte do estado do ES, situada na Rodovia São Mateus X Boa Esperança, estando a 32 Km de distância do centro de São Mateus.

Seu ato de criação se deu em 12/05/1992, pelo decreto nº 843/92, dentro da modalidade da Educação do Campo, a escola oferta ensino da Educação Básica na modalidade Infantil a partir dos 04 (quatro) anos de idade. E do fundamental I do primeiro (1º ano) ao quinto (5º ano). No período da pesquisa em outubro de 2018 haviam matriculados cerca de 70 alunos.

Em relação à Educação Inclusiva, a escola enfrenta inúmeras dificuldades em relação à infraestrutura, descumprindo o Decreto Nº 7.612, de 17 de novembro de 2011, que institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite, definido no artigo 3º as diretrizes deste plano. O que nos convida a pensar nas questões de organização dos espaços escolares, uma delas é a falta de acessibilidade.

Embora seja uma escola do Campo é necessário que os espaços sejam organizados para atender os alunos com necessidades especiais com intuito de eliminar os obstáculos que dificultam e impedem os mesmos de estudarem nesta escola. Observa-se na entrada principal da escola que não há rampa de acesso as salas e ao banheiro, isso poderá dificultar o acesso de alunos com mobilidade reduzida.

A comunidade tem aproximadamente 50 (cinquenta) famílias com moradias fixas. Porém, na colheita do café este número sofre alteração. Há várias organizações religiosas, tais como: igreja católica, Assembleia de Deus, Deus é Amor. Associação de Pequenos Agricultores, MPA (Movimento de Pequenos Agricultores), entre outras. A realização desta pesquisa ocorreu no período de 2017 a 2018.

Para a coleta de dados com os alunos para os alunos da sala multisseriada do 3º ano composta por 10 alunos e do 4º e 5º ano composta por 20 alunos, sendo 09 alunos do 4º ano, e 11 alunos do 5º ano, foi aplicada uma pergunta direcionada, na qual os mesmos responderam sobre o que se aprende nos espaços da escola em seguida a criação de desenhos temáticos, pois o uso dessa prática metodológica possibilita a criança expressar-se de maneira lúdica, artística e do imaginário, proporcionando a construção do conhecimento espontâneo (FARIA, 1999, p. 61). Para a equipe pedagógica: professoras regentes; professora de Agricultura, pedagoga e diretora foi aplicada duas perguntas também direcionadas, elaborou-se uma matriz de análise como instrumento para a descrição de todos os espaços internos e externos, da mobília de cada setor, material pedagógico, de limpeza, gêneros alimentícios, equipamentos de todos os setores, utensílios e registros fotográficos. As perguntas e a matriz de análise encontram-se no apêndice desta dissertação.

Para a revisão de literatura, analisou-se o período entre 2006 a 2017 aos anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - (ANPEd), nos seguintes grupos de trabalhos (GT) 06, que trata acerca da “Educação Popular” (GT) 12 que debate sobre “Currículo”, e o grupo de trabalho (GT) 13, onde aborda a temática da “Educação”, além de revistas da Universidade Federal do Espírito Santo, do Mato Grosso do Sul, e Universidade Federal do Paraná, para tanto, compilamos ainda, dissertações e teses pertinentes a temática pesquisada.

Na sequência, os trabalhos foram analisados, no intuito de identificar: A temática; objetivos; metodologia; resultados; considerações; referencial teórico entre outros. Esta fase do processo de análise dos textos proporcionou uma nova escolha, visto que, embora todos proferissem em seus títulos relação com a temática acerca da pesquisa.

Documentos Curriculares: para análise do currículo que é específico da Educação do Campo foi feito o estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação do Campo e do Plafec (Plano de Fortalecimento da Educação do Campo do Município de São Mateus). Analisando os espaços internos e externos e a relação com o currículo da EPM “Nova Vista”.

A fim de organizar esta pesquisa, conforme as temáticas indicadas foram criadas pastas contendo os subtemas que proporcionaram reflexões e discussões desta pesquisa. Com intuito de preservar a identidade dos envolvidos nesta pesquisa, os nomes dos professores, da diretora, da pedagoga e alunos, autores dos relatos, são fictícios.

Assim, este texto dissertativo está didaticamente dividido da seguinte forma: na seção, intitulada A Educação do Campo no Brasil – Perspectiva Histórica, propondo uma discussão histórica, traçando um paralelo com as práticas pedagógicas. Fez-se a memória dos encontros e conferências nacionais dos educadores e educadoras do campo, trazendo também os aspectos legais que amparam a luta dessa modalidade. Dentro desse contexto nacional, configurou em seguida a luta e organização da Educação do Campo no Estado do Espírito Santo. As discussões sobre currículo se iniciaram em nível de estado e logo no Município de São Mateus inicia os debates em relação às particularidades na Educação do Campo.

Na segunda seção, intitulada Materialidades que geram aprendizagens na Educação do Campo menciona as possibilidades de aprender que existem a partir das experiências pedagógicas vivenciadas pelos sujeitos da EPM “Nova Vista”.

Na terceira seção, onde trata especificadamente da Espacialidade e a relação do Currículo vivenciado pela equipe pedagógica, traz os relatos da diretora, pedagoga e professoras da escola participante da pesquisa. A seguir relatam sobre como elas ensinam na escola a partir da proposta pedagógica da escola, dos planejamentos e projetos, mencionam quais as possibilidades que o espaço da escola traz para o ensino.

Na quarta seção, sobre espacialidades e a relação do currículo vivenciado pelos estudantes foi tratado sobre como eles aprendem nos espaços da escola, os relatos dos alunos estão registrados na íntegra. A seguir foi solicitado aos alunos que criassem um desenho que representasse como aprendem na escola. Nos desenhos os alunos expressaram elementos importantes no contexto da educação do campo, tais como momentos da auto-organização, aulas de agricultura, entre outros.

E por fim, na quinta seção, trata dos Espaços, Lugares, Objetos tempos de aprendizagem, buscou-se aprofundar na proposta curricular do município de São Mateus, nos elementos propostos pelo Plano de Fortalecimento da Educação do Campo, como: Tema Gerador, oficinas, planejamentos e mística entre outros.

2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL – PERSPECTIVA HISTÓRICA

A Educação do campo se constrói em um movimento que leva em consideração a realidade que a produziu, se comportando segundo Caldart (2012) como uma “*categoria de análise*” das relações de vidas e de políticas voltada para os trabalhadores do campo. Compreender os aspectos de movimento dentro da história, nos ajuda a analisar o panorama dos embates desse movimento e logo, a analisar as histórias de vidas e as identidades dos sujeitos do campo no intuito de se desprender da opressão por conta da falta de projetos em prol da Educação do Campo de forma emancipatória e democrática.

Santos (2018), afirma que nesse contexto de enfrentamento dos trabalhadores com o Estado, reivindicando direitos básicos como trabalho (terra), saúde, moradia, crédito e educação, que começa a ser organizada uma proposta de educação voltada a cultural e ao território que os trabalhadores se reconhecessem como campo.

No marco histórico de seu surgimento, encontram-se dois eventos promovidos pelo MST, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF): o 1º Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA), realizado em 1997, e a 1ª Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, de 1998. (CALDART 2012).

Santos (2018) relata que o primeiro ENERA foi encerrado com um documento intitulado “Manifesto das Educadoras e dos Educadores da Reforma Agrária ao Povo Brasileiro” (REFORMA AGRÁRIA EM DADOS, 1997). Nesse manifesto, os (as) educadores (as) afirmam a importância da educação como instrumento indispensável para a transformação da sociedade, que classificam como excludente e injusta.

Neste momento é proposto discutir o histórico da Educação do Campo no Brasil tecendo um paralelo com as práticas pedagógicas no campo agrário brasileiro, pois se entende que essa história acontece dentro do campo de luta por uma Educação do

Campo. Desta maneira, os conceitos que permeiam essa perspectiva se confundem com o ideário da construção de políticas públicas de educação disseminados nos espaços de luta, como o surgimento da expressão *Educação Básica do Campo*, e que segundo Caldart (2012) afirma ser o fio condutor desta experiência:

Nasceu primeiro como *Educação Básica do Campo* no contexto de preparação da I conferência Nacional por uma educação Básica do campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de junho 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em junho de 2004. (CALDART, 2012, p 258).

Alguns avanços podem ser considerados a partir da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, bem como a participação de movimentos sociais do campo tais como os sindicatos de docentes, os movimentos estudantis, ou seja, diversos seguimentos interessados no avanço de uma educação emancipadora. Esse cenário é construído a partir dos anseios e desafios da educação no espaço rural e a busca por igualdade de direitos, uma vez que em nossa constituição federal prevê o acesso à educação como direito fundamental de natureza social.

Segundo Duarte (2008), as premissas da estrutura legal do sistema educacional brasileiro estão previstos no artigo 205 da Constituição/88, ainda ressalta que se deve garantir o desenvolvimento pessoal, ao alcance do exercício da cidadania, bem como sua qualidade para o trabalho. Esses postulados encontram-se de acordo com a demanda prevista pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) em 1966 e retificado pelo Brasil em 1992, a partir do Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, e que estabelece como propósito “capacitar a todos a participar de uma sociedade Livre”.

Art. 205- A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CONSTITUIÇÃO FEDERAL/88).

Em se tratando da garantia do direito à escolarização antecedeu a efetivação da lei, porém sua realização plena não se efetivou até hoje. Ao mesmo tempo, nos últimos anos, em virtude da influência das políticas neoliberais e pela força hegemônica poucas vezes a educação tem sido lembrada como formação para uma cidadania plena.

Nas discussões de preparação do I encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA) em 1997, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST², ficou um desafio para o MST, onde, o mesmo foi convidado a trazer em pauta uma discussão mais ampla da educação para o meio agrário brasileiro. Neste mesmo tempo era construído nos encontros estaduais um documento base a ser usado no Encontro Nacional, que argumentaria o descompasso da denominação Educação Rural.

A complexidade da Educação Rural não contempla os espaços de luta da Educação do Campo no entendimento comum possível naquele momento era esboçado na realidade dos espaços agrários brasileiros um local de que habitam camponeses, e ali existia uma escola que compreendiam a mesma realidade das escolas urbanas.

De acordo com Ribeiro (2012), os estudantes no contexto rural apresentaria uma orientação maior entre o trabalho e o estudo, já que em sua grande maioria era esperado o ingresso no trabalho da “roça”, no intuito de ajudar seus familiares, já a escola ali existente, apenas se estudavam os conteúdos programáticos impostos a organizações e estruturas nacionais padronizadas, sem a preocupação com o desenvolver do trabalho e do espaço camponês.

A autora Ribeiro ainda afirma que o trabalho produtivo é essencial para o processo educativo, pois é a porta de entrada da participação de um sujeito ativo para com interesses sociais. Assim, contribuindo para o desenvolvimento da sua comunidade, compreendendo sua realidade e se tornando um sujeito protagonista de suas ações.

É firmado então na I Conferência Nacional o entendimento comum que a educação do Campo deverá ser um dever do estado, ou seja, deve acontecer no contexto do espaço político, onde o mesmo deveria proporcionar políticas de promoção da Educação do Campo de princípio real e não abstrato, levando em consideração o trabalho como

² As entidades que apoiaram o I Enera foram também depois, junto com o MST, as promotoras da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e Universidade de Brasília (UnB), por meio do Grupo de Trabalho em Apoio à Reforma Agrária. (CALDART, 2012, p 264).

princípio educativo e os interesses da agricultura camponesa, e que foi realçado no lema da II Conferência *“Educação do Campo: direito nosso, dever do Estado”*.

É possível considerar como eixo de reflexão neste momento a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), instituído em 16 de abril de 1998 pelo governo federal e a argumentação de mudança do termo Educação Básica do Campo para Educação do Campo³, como afirma Caldart (2012). Logo, o rompimento da abreviatura Educação Rural se torna uma prioridade da Educação do Campo, trazendo nessa reflexão um campo possuidor de possibilidades políticas, com sujeitos formadores críticos, resistência, identidades e histórias. A partir desta premissa é papel desta pesquisa fomentar os espaços e as reflexões acumuladoras de saberes que caracteriza o campo da pesquisa como um espaço de condições de existência social.

Ainda no intuito de compreender a contribuição das perspectivas históricas para as reflexões do papel desta pesquisa e a educação do Campo, nos debruçaremos em alguns apontamentos da II Conferência Nacional por uma Educação do Campo, realizada em julho de 2004. É percebida uma maior ampliação e participação dos grupos organizados, instituições escolares de comunidades camponesas e frentes sindicais:

A II Conferência Nacional por uma Educação do Campo, realizada em julho de 2004, (...) Foram 39 entidades, incluindo representantes de órgãos de governo, organizações não governamentais, organizações sindicais de trabalhadores rurais e de professores, além dos movimentos sociais camponeses, que assinaram a declaração final da conferência (CALDART, 2012, p. 259).

Busca-se a universalização dos saberes em conformidade com os anseios e demandas dos povos que do campo e no campo vivem, as proposições definiram o movimento de Educação do Campo também pautada na oferta da Educação Básica e Superior atrelado a um saber referente a base pedagógica que reafirma o vínculo entre a formação humana e a existência do sujeito.

O movimento da Educação do Campo continuou sua articulação no país, culminando no importante encontro, o II ENERA, que foi realizado no dia 21 a 25 de setembro de

³ O argumento para mudar o termo Educação Básico do Campo para Educação do Campo aparece nos debates de 2002, realizados no contexto da aprovação do parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 36/2001. (CALDART, 2012, p 258).

2015, no município de Luiziana – Goiás. Segundo o portal de comunicação do MST⁴, foram reunidos mais de 1500 educadores e educadoras de todo o país, para debaterem o cenário nacional da Educação do Campo e suas perspectivas futuras. O II ENERA oportunizou um espaço de articulação e troca de saberes entre os protagonistas da luta por uma Educação do Campo universal e emancipatória, trazendo em debate um projeto de educação que potencialize as diferentes dimensões humanas dentro de uma formação libertadora e transformadora.

2.1 CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ESPÍRITO SANTO

No Estado do Espírito Santo na década de 80 havia uma organização dos movimentos sociais que mobilizou a realização do primeiro Encontro Nacional do Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)⁵, ocorreu no Espírito Santo, em São Mateus.

Segundo Pizetta (1999, p 149):

No ano de 1987 destacou-se por um acontecimento que, no caso em questão, foi um divisor de águas: a realização do I Seminário Nacional de Educação em Assentamentos, em São Mateus, no período de 27 a 30/7/1987. Para esse Seminário foram convidados treze Estados, dos quais apenas quatro compareceram (Espírito Santo, São Paulo, Paraná e Santa Catarina) com treze representantes (monitores/ professores).

Para o fortalecimento da educação nos assentamentos foi importante segundo Pizetta (1999, p 149) com a realização do Seminário:

Socializar as experiências alternativas que estavam sendo implementadas em assentamentos para, a partir delas, caracterizar a proposta de educação das suas escolas, (b) decorrente dessa troca de experiências e à luz da reflexão dos objetivos e da organicidade do MST, buscar formular uma proposta de educação renovada para as escolas de assentamentos, mediante a utilização de linguagens e práticas comuns.

Algumas decisões importantes foram tomadas nas discussões durante o seminário, afirma Pizetta (1999, p 149) que do ponto de vista mais orgânico:

⁴ Enera reúne mais de 1500 educadoras e educadores do campo em Goiás. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/09/21/abertura-2-enera-construimos-a-ideia-de-que-a-libertacao-dependera-do-povo-controlar-em-primeiro-lugar-o-conhecimento.html>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

⁵ O MST (Movimento Sem Terra) é um movimento social com organização institucional formal presente em quase todos os estados brasileiros e possui uma ampla capacidade de articulação e mobilização popular.

O Seminário decidiu e criou o Coletivo Nacional de Educação do MST, que passou a tratar especificamente da questão da educação nos assentamentos. Dessa forma, a temática da educação foi recebendo uma importância maior por parte do Movimento enquanto organização sociopolítica. Nesse Coletivo, o Estado do Espírito Santo passou a ter um representante: a professora Maria Dejanir Carpanedo.

No ano de 2008, algumas ações foram organizadas para fortalecer a luta por uma Educação do Campo no Estado do Espírito Santo. Uma das ações foi a oficialização do Comitê Estadual de Educação do Campo, por meio do Seminário teve como tema “Educação Escolar do Campo” (BALDOTTO, 2016 p 40).

No período de 2008 a 2014, alguns avanços aconteceram. A Secretaria de Estado da Educação (SEDU) instituiu em sua estrutura organizacional a Gerência de Educação do Campo e a Subgerência de Desenvolvimento da Educação do Campo, Indígena e Quilombola, criadas por meio do Decreto nº 3616-R, de 14/07/2014, que responde diretamente pela política pública de três modalidades da Educação Básica, cuja qualidade da oferta passa pelo reconhecimento e valorização de todas as formas de organização social e dos saberes característicos destes territórios⁶. No governo de Paulo Hartung (2015 a 2019), a gerência não funcionou. Renato Casagrande empossado em janeiro de 2019 reativa a gerência que já se reuniu com o Comitê Estadual de Educação do Campo do Espírito Santo (COMECES).

Conforme o Comitê Estadual de Educação do Campo⁷ que tem como finalidade a instituição de um grupo permanente de pesquisa e fóruns de discussões de Educação do Campo; o fortalecimento da mesma, por meio da articulação e construção coletiva levando em conta a diversidade do campo capixaba; Elaborar propostas político-pedagógicas próprias e apropriadas que atendam as diversidades; a participação na elaboração das Diretrizes Operacionais da Educação do Campo no Estado do Espírito Santo; o acompanhamento junto ao poder público da efetivação de Políticas Públicas de Educação do Campo e a articulação junto aos órgãos competentes para que estes garantam espaços adequados, partindo do princípio que este é um direito humano.

⁶ **Educação do Campo.** Disponível em: <<https://sedu.es.gov.br/educacao-do-campo>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

⁷ O Comitê Estadual do Campo é uma organização composta por entidades civis que tratam da Educação do Campo e representantes dos poderes públicos, em um espaço permanente de articulação, deliberação e construção coletiva, entre os movimentos sociais, entidades civis e os poderes públicos para o fortalecimento da Educação do Campo entendido enquanto espaço tempo de produção de saberes e de uma educação emancipatória. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/es/?q=node/205>> Acesso em: 18 mai. 2019.

Nesse momento histórico de lutas e conquistas foi importante para a Educação do Campo, a criação de Comitês nos diversos municípios do Norte do Estado: São Mateus, Nova Venécia, Pinheiros, Jaguaré, São Gabriel da Palha, Colatina, São Roque do Canãa. (COMITÊ DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2016).

No Estado do Espírito Santo continuaram as discussões sobre o currículo. Para isso houve a criação dos Macrocentros em todo o Estado, o que envolve uma ampla discussão da Proposta Político Pedagógica das escolas multisseriadas do Campo. Constituem-se em espaços de formação continuada e discutem as políticas de Educação do Campo, a produção de orientações curriculares e de material didático para as Classes Multisseriadas das escolas do campo. Organizam-se regionalmente em cinco espaços: Macrocentros Norte, Extremo Norte, Sul, Extremo Sul e Centro Serrano (PLAFEC, 2012/2013 p. 09).

No documento base para elaboração do Projeto Político Pedagógico das Escolas do Campo do Governo do Estado (VALADARES 2016, p. 17), esclarece que nos Macrocentros reúnem técnicos pedagógicos das Secretarias Municipais e Estadual de Educação, Superintendências Regionais de Educação e movimentos sociais camponeses, numa importante interface entre estes. Os Macrocentros da Educação do Campo estão instituídos pela Secretaria de Estado da Educação, conforme Portaria nº 071-R, de 28/03/2014.

As discussões sobre currículo, realizadas à luz de estudos no Macrocentro e nos Microcentros, permitiram ampliar o conceito de currículo para entendê-lo como experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais que contribuem com a construção das identidades dos nossos alunos (VALADARES, 2016 p. 17).

A partir da criação dos comitês de discussões dos macrocentros, cada município elaborou a sua proposta curricular para as escolas multisseriadas. Dando origem ao Plano de Fortalecimento da Educação do Campo (PLAFEC). “Uma ação Contextualizada e Integrada”. A elaboração deste documento ocorreu no município de São Mateus no ano de 2012/2013.

2.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS PECULIARIDADES NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS

Na década de 80, intensificou-se na região de São Mateus a luta pela Terra, e junto com a realização dos acampamentos foi criada uma estrutura organizacional do movimento (MST), dentre estas foi organizado o setor da educação responsável pela formação de professores e pelo acompanhamento politicopedagógico das escolas dos assentamentos (PIZETTA, 1999).

Pizetta (1999, p. 148) afirma, “que esse processo anda em ritmo e, em grande medida, condiciona-se à luta pela terra abordada anteriormente, já que em cada novo assentamento conquistado uma nova escola começa a funcionar”.

Ainda segundo Pizetta, (1999, p. 149) ao conquistar o primeiro assentamento, os Sem Terra, em 1984, organizaram a primeira escola de assentamento no Estado do Espírito Santo. Dando origem a escola multisseriada do campo na região norte do estado.

Em virtude dos fatos mencionados nas décadas de 80 e 90, os movimentos sociais continuaram na luta em prol da terra, da educação e da qualidade de vida. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e dez anos depois a nova LDB de 1998, os debates relacionados a essas lutas (terra, escola e qualidade de vida) promovidos a Nível Nacional chegam ao Município de São Mateus em 2004, com o primeiro Fórum de Educação do Campo (PLAFEC 2012/2013 p. 07).

A partir do ano de 2008, as comunidades Zumbi dos Palmares e Córrego Seco localizadas no município de São Mateus região norte do Estado do Espírito Santo, iniciaram a discussão e reflexão da importância da Educação própria para a vida do Campo. Em 2010 com a parceria do poder público foram implantadas duas escolas em regime de alternância nessas regiões. Fortalecendo a Educação do Campo no Município. Representantes do MPA, MST, Movimento Quilombola, da Secretaria Municipal de Educação, se mobilizaram e criaram o Comitê Municipal de Educação do campo. (PLAFEC 2012/2013 p. 07).

Considerando passos importantes para o processo de fortalecimento da Educação do Campo no Município, a Secretaria de Educação de São Mateus encaminhou para o Conselho Municipal de Educação a proposta para implementar a disciplina de Agricultura nas escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental do Campo, para avaliação e parecer. (PLAFEC 2012/2013 p. 07).

O Conselho Municipal de Educação reconhecendo a relevância em inserir no currículo das áreas específicas das escolas do campo a disciplina de Agricultura, uma vez que esta iniciativa busca incentivar e reconhecer a importância do trabalho do campo respeitando o meio ambiente e produzindo alimentos saudáveis, fez a seguinte análise:

[...] Nesse sentido, o Projeto de Educação do Campo: Integrando as Áreas do Conhecimento, apresentado pela Secretaria Municipal de Educação de São Mateus, reconhece que o modo de vida social e de utilização do espaço campo, em sua diversidade, é fundamental para a constituição da identidade da população camponesa e de sua inserção cidadã na definição dos rumos da sociedade. Assim, traz proposta que pretende contribuir com a longa caminhada posta à Educação do Campo nas escolas da rede municipal até que a comunidade escolar do campo seja satisfatoriamente atendida conforme orientam as Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo (CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO MATEUS 2011).

Outros marcos na luta pela Educação do Campo no Município foram necessários tais como: elaboração do Regimento Comum da Rede Municipal de Ensino garantindo ações como a reflexão do fazer pedagógico das escolas multisseriadas, formação dos professores, bem como normativas legais:

SEÇÃO V DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Art. 19. Caracterizam-se como escolas do campo aquelas situadas em área rural, que atende aos agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados, quilombolas, trabalhadores assalariados rurais e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Art. 20. A educação escolar do campo será desenvolvida de acordo com os princípios e normativas das diretrizes operacionais para a educação básica nas unidades escolares do campo.

I - as escolas do campo terão regimento, calendário e Proposta Pedagógica própria e apropriada, contemplando a participação comunitária das famílias, currículo contextualizado, organização do funcionamento do cotidiano tendo como base os princípios da solidariedade e da ajuda mútua;

II - o ambiente educativo das escolas do campo compreende todos os espaços internos e externos da área de abrangência da escola;

III - o espaço escolar interno e externo conterá a identidade da escola do campo e sua organização respeitará o estilo de vida, a cultura, as tradições e as atividades econômicas da população atendida;

IV - o regimento interno da educação do campo garantirá a participação comunitária das famílias e dos movimentos sociais no controle social da sua qualidade;

V - o regimento comum próprio da educação do campo contemplará a participação conjugada entre a organização da comunidade escolar, o setor da Secretaria Municipal de Educação e o Comitê Municipal de Educação do Campo;

VI - a formação dos educadores, gestores e profissionais da educação do campo deve atender as necessidades de funcionamento das escolas;

VII - a organização curricular deve garantir a integração das áreas de conhecimento. (REGIMENTO COMUM DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO, 2011).

No que diz respeito às políticas públicas para a Educação do Campo e as normatizações, vale ressaltar que o diálogo com os novos saberes valorizando os sujeitos camponeses devem permanecer. Contudo, há necessidade de discutir a diversidade das comunidades destes povos.

Nessa trajetória, obteve-se avanços importantes na construção da escola do campo e nos projetos desenvolvidos. Em se tratando da Proposta Pedagógica e Currículo próprio e apropriado voltados a realidade local, a equipe do Setor da Educação do Campo da Secretaria Municipal de São Mateus nos anos de 2012 e 2013 teceram a várias mãos o Plano de Fortalecimento da Educação do Campo (PLAFEC).

Instrumento este que possibilita de forma contextualizada trabalhar com estudantes das escolas multisseriadas os conteúdos da base nacional comum de uma maneira dinâmica e continua garantindo uma formação integral. Nesse projeto está diretamente integrado a família, estudante e o educador (a).

Neste documento orientador estão previstas atividades pedagógicas de auto-organização⁸, temas geradores⁹, Planos de Estudos (P.E)¹⁰. De acordo com as orientações os temas dos planos de estudos garantem o enfoque dos Temas Geradores, assim os Planos de Estudos dão o direcionamento para o processo ensino-aprendizagem (PLAFEC 2012/2013 p.17).

⁸ Auto-organização: O estudante realiza a autogestão por meio da auto-organização, que possibilita ao coletivo de estudantes a consciência de suas responsabilidades e cuidados com esse coletivo, inseridos em um grupo diversificado, incluindo estudantes de todas as idades e séries. MORILA, Ailton Pereira e BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão. **Auto-organização no contexto da educação do campo**. Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino, n. 2, mai. 2016.

⁹Tema Gerador: É de onde parte a motivação para a investigação, é o eixo que direciona as atividades pedagógicas. São situações de interesse e motivação das pessoas de uma região nos diversos fenômenos da vida. (PLAFEC, p. 17, 2012/2013).

¹⁰ Planos de Estudos: Fio condutor da aprendizagem, tem a função de fazer a investigação da realidade concreta. (PLAFEC, p. 17, 2012/2013).

2.3 DESAFIOS DAS ESPACIALIDADES

Para compreender historicamente a configuração de espaços destinados à instrução pública primária no Estado do Espírito Santo, Locatelli (2012) investiga a constituição histórica dos projetos arquitetônicos para os grupos escolares em seu processo de criação e implantação no Estado em 1908. Destaca como eixo principal da análise a Arquitetura dos grupos escolares capixabas no período de 1908 a 1930. Em seu trabalho é possível compreender que, como gênero específico de ordem espacial, a arquitetura escolar nem sempre informou os signos que a identificam como lugar especializado em ministrar o ensino, uma vez que, anterior ao período republicano, à instrução era realizada em espaços diversos.

São diversos os temas discutidos na escola e que já trouxeram elementos para Educação do Campo, inclusive no campo da pesquisa, mas acredita-se que pensar acerca das questões da espacialidade, o lugar onde tudo acontece, é também uma contribuição para a qualidade da Educação do Campo. É importante refletirmos como esse espaço está sendo aproveitado por todos que cotidianamente estão na escola, se o proporciona aprendizagem, com o bem-estar dos sujeitos que nela estão, pois, a qualidade na educação estabelece relação direta com condições propícias de vivência e uso (CERTEAU, 2005).

No contexto atual observa-se que as escolas ainda são construídas no modelo tradicional, sua organização espacial é a mesma em quase todas as cidades brasileiras, desconsiderando os valores culturais e sócio-históricos-geográficos de cada região. Os espaços organizam-se na seguinte sequência: recepção, secretaria, sala de professores, corredor, salas de aula, banheiros, refeitório, cozinha, despensa (AZEVEDO E FARIA, 2015).

Espacialidade Escolar, tema de importância social, porém pouco discutido, principalmente no que diz respeito às escolas públicas, na área das construções escolares chega aos dias atuais com grandes desafios sobre o que seria necessário para atender as demandas de sala de aula. No entanto, outros espaços onde se produz conhecimento na escola, podem ser utilizados, elaborados e não devem estar apenas restritos às salas de aula (FRAGO E ESCOLANO, 2001).

Dórea (1999), traz em sua pesquisa sobre espacialidade ideias norteadoras encarando a organização do espaço na escola como um dos movimentos que permitem recuperar a história dos estabelecimentos de ensino, possibilitando uma nova leitura desse ambiente escolar, leitura em que busca identificar os fatores políticos, sociais, culturais e econômicos que interferem na formulação e na execução das políticas educacionais que deram origem aos atuais espaços escolares.

Ainda, segundo Dórea (1999), Anísio Teixeira trouxe para o Brasil, ideias que sugeriam maior democratização do uso dos espaços abertos e sem divisórias, além disso em três momentos distintos, onde teve a oportunidade de implementar reformas e medidas educacionais que valorizam o planejamento das edificações escolares na Bahia, no distrito Federal, no Rio de Janeiro, discute o papel da organização do espaço na história da escola, destacando a atuação do educador.

A espacialidade escolar é, antes de tudo, uma configuração dos modos de viver e de habitar o mundo, por isso mesmo pode ser pensada fora dos limites estruturais explorando as possibilidades do sentir, do agir e do pensar. O cotidiano escolar que faz as histórias do presente, o aprendizado pode acontecer em qualquer lugar, seja na sala de aula, embaixo de uma árvore, no pátio da escola, no campo de futebol, e nos demais espaços de aprendizagem. Mesmo tendo ciência das possibilidades e diversidades de locais para a busca do conhecimento no ambiente escolar há um tensionamento nas relações de poder, no cotidiano da escola, cabe a cada sujeito estabelecer suas “táticas” utilizando em seu favor as situações adversas impostas por regras dominantes (CERTEAU, 2005).

Arroyo (2016) também trás esses apontamentos, para haver aprendizagem independente de paredes, em se tratando de escolas do campo, deve ser um espaço envolvente, saudável em todos os aspectos e favorável ao desenvolvimento humano.

2.4 USO DOS ESPAÇOS EXTERNOS DAS ESCOLAS DO CAMPO

No que diz respeito ao plano da práxis pedagógica, a Educação do Campo tenciona para que o educando com as experiências vivenciadas tenha condições de ser autônomo no pensar e no agir, o principal fundamento deve ser a materialidade da vida real do educando e reconhecer que a realidade camponesa permite gerar conhecimento que o capacitará para a vida. Diante disto, a escola do campo possibilita que os professores apropriem-se dos espaços externos orientando aos educandos para irem além da sala de aula aplicando os conhecimentos acadêmicos também na sua comunidade (CALDART, et al 2012).

Complementando a ideia trazida por Caldart, Frago e Escolano (2001, p. 65) mencionam em seus estudos que “lugar”, “espaço” e “território”, definem a dialética do interno e do externo bem como, o espaço dentro e fora da escola, sendo estes fechados ou abertos.

Certeau (2005 pp. 63, 67) afirma:

Que este lugar tanto é dado ao locutor do discurso como qualquer outro. Ele é o ponto de chegada de uma trajetória. Mostra que “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação, “astúcias sutis”.

Carvalho (2008, p. 38) em seu trabalho menciona as teorias de Froebel e Decroly, que pressupõe a existência de amplos espaços internos e externos. O uso de elementos da natureza tais como: argila, madeira, areia, entre outros, bem como a ideia da utilização dos espaços internos e externos.

Frago e Escolano (2001), remetem aos espaços educativos como lugares usados para troca de conhecimentos, no entanto, os mesmos estão dotados de significados que transmitem vários estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo em que impõem suas leis como organizações disciplinares.

Melo (2012), em sua pesquisa observa que a aprendizagem não acontece somente em sala de aula, mas também nos espaços externos da escola, que ficam no térreo. Além dos alunos ficarem mais à vontade fora da sala de aula, por estarem mais livres, conversam, brincam, se divertem e trocam experiências. Melo, ressalta ainda a

necessidade dos alunos estarem acompanhados, porém, sem muita cobrança para explorarem os espaços como: a quadra, o parquinho e o pátio, locais esses que foram pensados para uso deles.

Em se tratando de espaços externos das Escolas do Campo, observa-se que ainda não existem pesquisas explorando este tema, por isso esta revisão limita-se apenas nas discussões dos autores que estudaram os espaços externos das escolas que trabalham com a modalidade de ensino regular.

2.5 A PRÁTICA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CENÁRIO NACIONAL

No cenário nacional espera-se que o homem do campo seja visto numa perspectiva de formação do sujeito crítico, construtor de sua própria história, com capacidade organizativa, emancipado intelectualmente, com a sensibilidade de ouvir, falar e lidar com o outro, independente da localização geográfica na qual se encontra (VALADARES, 2016).

É nesse desejo que busca-se uma escola inserida na realidade de seu meio, nos saberes, na cultura, nas lutas, na história dos povos do campo, e a terra será o elemento chave para a produção de conhecimento e para a transformação das pessoas e da sociedade em que elas vivem (ARROYO, 2016).

Na perspectiva de Valadares (2016) o Projeto Político Pedagógico das Escolas do Campo devem estar relacionadas com as questões estruturais das escolas, havendo articulações coesas, que possam garantir entendimento na concepção e organização do Currículo, no processo ensino/aprendizagem e consequentemente nas relações cotidianas da escola e dos sujeitos do campo. Arroyo (2016) também assegura ser necessário que a escola esteja diretamente vinculada com a realidade campestre.

A elaboração do currículo para Arroyo (2016) deve pautar,

A discussão e o pensar a respeito do desenvolvimento do currículo nas Escolas do Campo é um exercício que exige crítica e abertura para o novo, instigando a elaboração de currículos mais abertos para concepções de conhecimentos

menos rígidos, levando em consideração as vivências que os próprios alunos, professores e comunidades acumulam, além de fazer das salas de aulas laboratórios de diálogos entre os conhecimentos (ARROYO, 2016, p.37).

Segundo Certeau (2005 p.93), é fundamental valorizar o conhecimento prévio tanto dos professores quanto dos alunos. Saberes culturais que cercam experiências vivenciadas dentro e fora da escola, para que possam ser reconhecidos por meio de métodos produzidos a partir do cotidiano escolar.

Para Arroyo (1999) é importante ressaltar o conceito da Educação do Campo, pois este se relaciona a uma postura político-pedagógica crítica, dialética, dialógica, postulando uma formação técnica e política de sujeitos politicamente conscientes, com uma visão humanizadora, que valoriza o sujeito através de sua identidade cultural e considera o ponto de vista dos camponeses, bem como a trajetória de lutas de suas organizações.

Diante dessa postura crítica da Educação do Campo torna-se desafiador tratar do tema currículo, Arroyo (2016, p. 34 -36) afirma que:

O Currículo está aí com sua rigidez se impondo sobre nossa criatividade. Os conteúdos, as avaliações: o ordenamento dos conhecimentos em disciplinas, níveis, sequências caem sobre os docentes e gestões como um peso. Como algo inevitável, indiscutível. Como algo sagrado. Como está posta a relação entre os docentes e os currículos? Uma relação tensa. Em seus recentes trabalhos sobre o currículo que ao longo da história do nosso sistema de instrução-educação-ensino se manteve uma marca: o controle dos seus profissionais. E um dos sistemas mais regulados e normatizados. No regime autoritário aumentaram os controles, e na experiência democrática das últimas décadas eles não foram superados.

Ao pensar sobre o Currículo das Escolas do Campo, não tem-se apenas o desafio de torna-lo prático, humano e flexível, mas também de superar as questões impostas pelos regimes vivenciados, onde apenas se tinha imposto o que devia ser seguido, a superação dessa prática engessada do currículo é a colocação em prática da democracia trazida por Arroyo (2016), que afirma ainda, “o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola. Por causa disso, é o território mais cercado, mais normatizado. Mas também o mais politizado, inovado, resignificado.”

É importante neste contexto refletir sobre os nossos espaços pois, o currículo é um espaço de disputa, do que deve ser ensinado, quando deve ser ensinado e quem deve ensinar.

Segundo Arroyo (2007 p 17), o conceito de currículo deriva de como a educação é concebida historicamente, formulando-se sob influências teóricas hegemônicas ou revolucionárias, num dado momento, dependendo também dos diferentes fatores socioeconômicos, políticos e culturais.

O currículo é a forma de organizar o processo educativo na escola. Essa forma de organização deve romper com os paradigmas arcaicos, revendo os tempos e espaços escolares, possibilitando a criação das aulas criativas, dinâmicas e problematizadoras, nas quais a pesquisa seja uma das principais estratégias, o que Freire (1996, p.16) reafirma: “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Segundo Arroyo (2016 p. 76):

Uma constatação é que os currículos e os livros didáticos são pensados como espaços de saberes, de conhecimentos e de concepções, descolados de vivências da concretude social e política. Sobretudo, deslocando dos sujeitos humanos produtores dessas vivências sociais e dos conhecimentos.

Mesmo ao constatar esse afastamento do currículo com o concreto e com vivência social Arroyo (2016) ainda observa que tal instrumento é pensado como potencializado de conhecimento, todavia, um conhecimento afastado do que é vivenciado pelos indivíduos que diretamente utilizar-se-ão do currículo.

3 MATERIALIDADES QUE GERAM APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A materialidade das práticas pedagógicas é fundamental para a construção da aprendizagem nas escolas do campo, de encontro com essa afirmativa Arroyo salienta que:

As pedagogias mais “pedagógicas” nesses processos de despojo de seus saberes e de seu lugar na produção cultural e intelectual passaram e continuam passando pelo despojo das formas ancestrais de fazer, produzir a vida em sua materialidade (ARROYO 2009).

Diante das práticas vivenciadas pelos sujeitos participantes da pesquisa seguem informações que apresentam a EPM “Nova Vista” como uma escola multisseriada do Campo. Além de contextualizar a problemática acerca da Espacialidade e do Currículo das Escolas do Campo, como o mesmo está organizado e sua aplicabilidade, através dos relatos de representantes desta instituição. Assim como os autores que discutem as escolas da Educação do Campo e o Plano de Fortalecimento da Educação do Campo (PLAFEC), utilizado pela respectiva escola.

A realidade que vivem as escolas do campo, não só no município de São Mateus, mas em sua maioria assemelham-se a EPM “Nova Vista”, como pode ser observado na imagem 01 registrada no ano de 2013, não se tinha a construção de muros, sendo assim facilitado o acesso a unidade escolar, já na imagem 02 datada de 2018 vemos que EPM “Nova Vista” está cercada por muros o que podemos nos perguntar, por que a escola do campo cercada por muros? ∴

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira



Imagem 01- EPM Nova Vista 2013



Imagem 02 - EPM Nova Vista 2018

O que consta nos registros sobre arquitetura das escolas do campo/comunidades rurais, é que elas eram construídas ou cedidas por moradores das comunidades ou fazendeiros. Os espaços externos, principalmente a chegada, eram abertos. As famílias que residiam aos arredores da escola podiam observar quem chegava e quem saía da escola. (Imagens 01 e 02).

3.1 ESPACIALIDADES E A RELAÇÃO DO CURRÍCULO VIVENCIADO PELA EQUIPE PEDAGÓGICA

Cada indivíduo que vivencia um mesmo espaço o vê e o utiliza de maneira diferenciada, diante disso, foi proposta por essa pesquisa a realização de um questionário fechado que foi aplicado a equipe pedagógica da EPM “Nova Vista”, que é formada por uma diretora, uma pedagoga e sete professores, porém participaram da pesquisa três professores por serem regentes dos alunos escolhidos para participarem.

3.1.1 Diretora

O questionário aplicado à diretora da EPM “Nova Vista” foi formulado com duas perguntas sendo a primeira pergunta: Como você ensina na escola? (Pensar na proposta pedagógica da escola, nos planejamentos e projetos).

Como resposta a esse questionamento, a diretora menciona que o conhecimento deve ser estimulado e estes estímulos estão relacionados às atividades diferenciadas da escola tradicional. Considerando a espacialidade e o currículo em escola multisseriada:

Para ensinar devemos provocar no outro a busca pelo conhecimento. Devemos ensinar preparando o educando para a vida, melhor ainda quando isso acontece dentro da própria realidade em que o indivíduo vive. A proposta pedagógica do campo quando aplicada na integra favorece essa dinâmica. O educando tem uma aprendizagem mais real quando o conhecimento parte do que ele já vivencia. Em relação as possibilidades e o espaço, são muitas possibilidades. A primeira e mais importante é a socialização, onde os educadores devem estar atentos e favorecer para que isto aconteça de maneira onde cada um perceba a importância do outro de maneira respeitosa e amigável, onde todos se sintam iguais e a vontade para se relacionar. O espaço escolar também deve desenvolver a criatividade, a harmonia e a funcionalidade, possibilitando sempre a interação com o conhecimento. (Tereza).

Caldart (2012 p. 330) afirma que à construção de estratégias pedagógicas são capazes de superar os limites da sala de aula, construindo espaços de aprendizagem que extrapolem este limite, e que permitam a apreensão das contradições do lado de fora da sala.

Segundo o que relata Tereza (Diretora), o espaço escolar deve ser de criatividade. A proposta pedagógica do campo quando aplicada na integra favorece essa dinâmica mencionada pela diretora, e evidencia-se quando acontece dentro da própria realidade do indivíduo. De acordo com o PLAFEC, a vivência do estudante proporcionará que o mesmo seja o autor do sucesso pessoal e para a sociedade.

Diante do relato foi possível observar certa afinidade com o que está proposto no PLAFEC (2012/2013), onde afirma que:

A dinâmica do processo educativo dos estudantes visa alcançar de forma orientada, a um perfil: o perfil do homem do amanhã. Isso pressupõe uma filosofia que sustente a formação integral da pessoa, através de uma realidade projetada, mas também embasada na segurança que o método garante. Para tornar real esse paradigma, se faz necessário buscar em alguns critérios, que por sua vez, servirão como parâmetros concretos na sua aplicação. (PLAFEC p. 14).

Em se tratando das orientações do PLAFEC (2012/2013), e no relato da diretora observou-se que pedagogicamente a vivência do que está projetado no documento, assegura o método dialógico.

3.1.2 Pedagogia

A pedagoga da EPM “Nova Vista” respondeu ao mesmo questionário aplicado à diretora sendo a primeira pergunta: Como você ensina na escola? (Pensar na proposta pedagógica da escola, nos planejamentos e projetos). Para a pedagoga:

Os diálogos na escola se dão no contexto da realidade. Nossa proposta pedagógica o PLAFEC – Plano de Fortalecimento da Educação do Campo é nossa base de direcionamento. A partir dos Temas Geradores: Família, Terra e Saúde, elabora-se o Plano de Estudos (PE), que é base de toda investigação da realidade concreta, seguindo com demais elementos do PLAFEC. Estes são a luz dos princípios filosóficos e pedagógicos de Conhecer, Analisar e Transformar. Os conteúdos da BNCC são organizados para a compreensão

dos conceitos pelos estudantes a partir da sua realidade. Para a construção do conhecimento do local para o global. (Maria).

Haja vista que um dos elementos fundamentais do PLAFEC (2012/2013 p.16), é o “Tema Gerador”, percebe-se diante do relato da pedagoga, a importância desse elemento na dinâmica do funcionamento da escola. A equipe pedagógica organiza-se para elaborar os planos de estudos de maneira que os educandos se envolvam ativamente com questionamentos da vivência na sua comunidade.

Seu pensamento alinha-se as ideias de Caldart (2012 p. 329) que diz: os processos de ensino aprendizagem não se desenvolvem apartados da realidade de seus educandos. Uma vez que o conhecimento acadêmico contribui na formação dos mesmos, possibilitando o fazer pedagógico se materializar na vida real do sujeito.

Baldotto (2016 p.78) em sua pesquisa, e analisando o espaço pesquisado, observa-se que é dando importância, com a criação e utilização do PLAFEC (2012/2013 p. 11), para as escolas multisseriadas do Campo do Município de São Mateus, articulando os princípios filosóficos e pedagógicos enquanto proposta para a Educação do Campo.

A pedagoga, em sua resposta a segunda pergunta: Quais as possibilidades que o espaço da escola traz para o ensino? Relata:

Nossa proposta dialoga com a realidade, nas escolas do campo Multisseriadas, a infraestrutura destas necessitam de melhorias. Na parte interna da escola, os espaços são insuficientes para o quantitativo de estudantes, não dispomos de recursos tecnológicos e demais que possa contribuir com o ensino aprendido.

Na parte externa, para o desenvolvimento das aulas de agricultura o espaço possibilita o desenvolvimento da parte prática, com horta, plantas ornamentais (paisagismo), porém, o mesmo espaço não dispõe de sombra para o desenvolvimento de atividades de educação física, pois nenhuma escola da nossa região existe quadras poliesportivas, dificultando a realização das atividades esportivas.

As professoras desenvolvem as atividades dentro das limitações dos espaços! O que contribui significativamente com a proposta pedagógica são as visitas de estudos, que compara uma realidade diferente da escola e de seu meio sócio-profissional e/ou da ênfase a uma realidade vivenciada. (Maria).

A pedagoga ressalta a importância de se ter espaços internos e externos adequados a aprendizagem dos educandos. Ribeiro (2004) complementa que a composição do espaço deve ser coerente, é nele ou a partir dele que as práticas pedagógicas são articuladas e executadas. Podendo ser este espaço de oportunidades, mas também de

limites, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem para quem ensina e para quem aprende.

Para a pedagoga Maria, a falta de infraestrutura dos espaços internos e externos dificultam a aplicabilidade da proposta pedagógica da Educação do Campo (Currículo/Plafec), no entanto, estas barreiras existem, porém não impendem que ocorram ensino/aprendizagem, visto que o tema gerador que é um dos principais elementos do Currículo e o mesmo é trabalhado na sua totalidade.

Em se tratando dos espaços onde acontecem as experiências pedagógicas é importante salientar que o mesmo é um elemento determinante na formação do conhecimento individual e coletivo. (ESCOLANO E FRAGO 1998, p. 63).

3.1.3 Os professores

Para (Freire, 1991 p. 58), o professor/educador se faz na prática e na reflexão sobre a sua prática. Isso fica evidenciado nos relatos dos docentes que atuam e desenvolvem suas práticas pedagógicas na Educação do Campo em escola multisseriada. Os que trabalham com esta modalidade são diferenciados dos que atuam na educação regular. O Campo possibilita ao educador maior autonomia nos métodos aplicados no desenvolvimento do currículo, correlacionando as teorias científicas com os saberes camponeses.

Quanto ao questionamento feito aos professores sobre o que ensinam e como isso ocorre, seguem as respostas:

Além da preocupação com a formação humana dos educandos em todas as dimensões cognitiva, política, ética e social, os conteúdos são trabalhados respeitando os saberes, individualidades e dificuldades que os alunos trazem consigo. Cada um aprende as ciências de formas diferentes e cabe aos educadores planejarem de acordo com essas particularidades. (Cleo - Professora do 3º ano)

De forma contínua, respeita cada instante do aluno dentro do espaço escolar, desde a chegada até o retorno para sua casa. O aluno é um ser que está em processo de aprendizado, e eu como mediadora do processo faço as intervenções a cada momento (Rosa – professora do 4º e 5º ano).

Através das aulas práticas -"horta escolar". Aulas teóricas em sala de aula, trazendo a realidade dos estudantes, comunidade e famílias para tirarem suas

dúvidas, refletir, deixando que eles passem suas experiências. (Lia – professora de Agricultura).

As professoras demonstram, em suas respostas, preocupação com a formação da pessoa para além do espaço escolar, colocam-se como parte do processo, também evidenciam a importância de trabalhar a individualidade do educando e do contexto que está inserido.

Neste sentido (FREITAS, 2016), considera que educandos e educadores aprendem e ensinam mutuamente durante todo o processo de aprendizagem, perpassados pela pesquisa, e deflagram percursos formativos singulares, mobilizados pela emoção/reflexão que emergem nessa interação. Ressalta que é necessário o esforço individual, mesmo que o trabalho seja coletivo, considerando todos os fatores internos e externos do sujeito o que levará a construção de novos saberes.

A presente pesquisa mostra que os profissionais desta escola, apesar de todas as dificuldades enfrentadas para colocar em prática as diretrizes que são definidas no currículo da Educação do Campo (PLAFEC 2012/2013 p.18), buscam diante dos elementos previstos proporcionarem interação com o que se ensina e se aprende, isso se dá de diversas maneiras: elaboração e colocação em comum do Plano de Estudo que é executado durante a estadia letiva, elaboração da síntese, visitas de estudo e formação das famílias¹¹.

De acordo com a proposta do (PLAFEC 2012/2013 p. 41) a formação das famílias é uma garantia no plano de formação dos educandos durante a estadia letiva e em outros momentos com os familiares, motivando os mesmos a participarem da vida escolar dos filhos/as promovendo maior integração entre família e escola. A equipe escolar busca realizar esses momentos de trocas de experiências elemento este que pode ser visto nas imagens 03, 04 e 05 a seguir:

¹¹ Plano de Formação das Famílias: é um elemento na Proposta Curricular/PLAFEC (2012/2013) que aponta ações como encontro de formação para as famílias utilizando o método popular: Ver- Julgar - Agir, visitas as famílias, proporcionando a integração com a escola.

Imagem 03: Formação com a participação das famílias

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 04: Formação com a participação das famílias

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 05: Formação com a participação das famílias

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Os profissionais desta escola são orientados e sensibilizados ao executarem a proposta curricular considerando os conhecimentos prévios dos educandos, levando-os a correlacionarem com os conteúdos da Base Nacional Comum.

Ora, se o currículo é um artefato que contempla saberes, fazeres e conhecimentos voltados para a formação humana em um contexto específico, é notório que o mesmo valorize e contemple questões relacionadas a realidade dos educandos. Desse modo, é de fundamental importância que os profissionais da educação compreendam os alunos “[...] como sujeitos de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói que está participando de um projeto social, por isso que a escola tem que levar em conta a história de cada educando e das lutas do campo.” (ARROYO, 2004, p. 37).

Considerando a problematização desta pesquisa, ao analisar o currículo específico para as escolas do campo em se tratando da EPM “Nova Vista”, o mesmo é trabalhado, a equipe organiza o plano de estudo, faz o levantamento dos enfoques¹²

¹² Enfoques - Conteúdos e a Motivação: deve ser constituído expressando os aspectos motivadores do tema para dar significado aos conteúdos das disciplinas que aprofundarão as situações da realidade. PLAFEC (2012/2013).

para o tema gerador, realizam as visitas de estudos, colocando em prática o plano de fortalecimento da educação do campo.

Partindo das espacialidades verificou-se, pelas respostas obtidas pelo questionário aplicado, que os professores pouco visualizam os espaços externos como elemento de aplicabilidade das teorias definidas no PLAFEC (2012/2013). Diferente do ponto de vista dos alunos, observaremos mais adiante em através de suas respostas e desenhos, identificam e apontam o que é possível realizar em cada espaço, uma vez que os mesmos já trazem como conhecimento prévio do que eles podem fazer nos diversos espaços fora da sala. Cabe aos professores em suas práticas pedagógicas correlacionar com o que devem aprender em uma escola que oferece a modalidade de Educação do Campo.

Embora os professores não mencionem como os espaços são utilizados, durante a pesquisa foi possível observar que os espaços internos e externos mesmo limitados existem e são utilizados pelas professoras para dinamizarem suas aulas, como retrata as imagens 06, 07 e 08. Os atores ocupam este espaço, reinventam a cada dia suas maneiras de fazer acontecer o que o PLAFEC propõe.

Em relação às discussões acerca das particularidades dos sujeitos perante a organização espacial, percebe-se pouco considerada pelos agentes públicos, nota-se a escola em condições carentes de manutenção e construção de outros espaços para uso pedagógico, (biblioteca, laboratório de informática, entre outros). Contudo, além de carências espaciais, pôde ser notado a falta de materiais para uso nas aulas de agricultura, bem como nas aulas de Educação Física, no entanto isso não impede que ocorra aprendizagem.

Como podemos observar as respostas das professoras referente a segunda questão colocada: Quais as possibilidades que o espaço da escola traz para o ensino?

Que a escola toda é um espaço de aprendizagem, pois existem diferentes culturas que cada um traz consigo e esses saberes são compartilhados entre si. (Cleo - Professora do 3º ano)

O espaço da escola proporciona o crescimento do indivíduo na sociedade, onde através do aprendizado constante o mesmo irá se preparar para ser um indivíduo ativo no contexto sócio. (Rosa - Professora do 4º ano)

Tendo o apoio de algumas famílias, os encontros que acontecem durante ao ano letivo com os professores, assim há aprendizado passando conhecimentos um para o outro, e o apoio da secretaria de agricultura que é fundamental pela minha área de ensino. (Lia – professora de Agricultura).

A compreensão do espaço escolar, seja interno ou externo, em sua materialidade indica significados que vão sendo construídos, ressignificando nas vivências do cotidiano. Cada ator social que convive no lugar-escola, mesmo que em tempo menor, elabora percepções sobre a espacialidade que, durante as construções de vida, permite a melhoria qualitativa do espaço para o lugar, o qual proporciona símbolos, valores subjetivos aos sujeitos como também vinculam neles seus princípios, em um movimento dialógico (CERTEAU, 2005).

Ribeiro (2004) alega que o espaço nosso de cada dia é carregado de significados compartilhados e expressos nas práticas sociais, e isso explica de certa forma, o descaso que permeia muitos dos espaços escolares, públicos, destinados aos segmentos sociais que tem pouco poder de pressão.

Observa-se fragilidades na relação dos conteúdos com a vivência campesina nos espaços internos e externos por parte dos docentes, embora compreendam a proposta descrita no PLAFEC (2012/2013), para colocar em prática, ainda falta entendimento na importância da utilização dos espaços internos e externos como local de aprendizagem.

3.2 ESPACIALIDADES E A RELAÇÃO DO CURRÍCULO VIVENCIADO PELOS ESTUDANTES

Ao se trata da espacialidade e currículo busca-se fundamento nas teorias de Arroyo, onde o autor afirma que:

Quando cada área do currículo lê a história, a ciência, a tecnologia, o espaço, a vida, a produção literária, a cidade ou o campo desde seu ângulo tende a deixar de fora saberes histórica e legitimamente construídos e acumulados pela pluralidade e diversidade de protagonistas que agem no social ou na natureza. Protagonistas que também produzem saberes. Outros saberes, outros valores e significados (ARROYO 2003).

A seguir está registrado na íntegra as respostas dadas pelos estudantes sobre a espacialidade e currículo.

3.2.1 Estudantes

Diante da proposta feita na pesquisa, para abordar o tema espacialidades e currículo da escola, foi feita uma conversa previa com os alunos do 3º ao 5º ano das séries iniciais para explicar o que estava sendo objeto da pesquisa e sua finalidade, além disso, foi esclarecido duvidas em ralação ao questionário que foi aplicado a esse grupo de alunos.

Na transcrição do que foi relatado pelos educandos do 3º ano, em relação a primeira pergunta sobre o que eles aprendem nos espaços da escola, três deles não fizeram a devolução do questionário respondido. Embora estejam no último ano do ciclo de alfabetização nem todos estão alfabetizados. Entre os participantes um dos alunos é diagnosticado com Espectro Autista de grau moderado, devido a esta deficiência não desenvolveu a arte da escrita, porém ele participou da segunda etapa criando o desenho de como se aprende na escola.

Para Algeri (2014), é importante que o professor considere o conhecimento prévio de cada aluno, respeitando as características individuais e sociais. Tendo por base o indivíduo como ser único, pode acontecer durante o processo de alfabetização e nos anos seguintes, que os resultados não sejam os mesmos para todos, ou seja, o aluno pode apresentar dificuldades na leitura, escrita e na matemática.

Diante dessas especificidades trazidas por Algeri (2014) optou-se por transcrever exatamente como os educandos responderam as perguntas postas, as respostas obtidas na turma de 3º ano do Ensino Fundamental a primeira questão 1: Como você aprende nos espaços da escola? Foram as seguintes:

bare a sala, ratela capim, lavar linpa a grade bare o refeitório limpa a mesa, fazer tarefa... (João)

Eu aprendo ale, educação brincadeiras nopatio da es cola, eu res peitu aspesoas...(Teresa)

Eu a prendo a aula pratica na horta laze que e brincar aprende a ler a escrever pintar aprende os números o afabeto... (Bruna)

No refeitório, no banheiro, liede, sala de aula, pátio, parquinho...(Bruno)

Na sala de aula nós aprendemos estudar e um pouco de educação. Na aula de educação física nós aprendemos esportes e saúde boa... (Tião)

Nas aulas práticas eu apreodo como cuidar de uma horta organicamente na sala de aula eu aprendi coisas que eu nem sabia e na cozinha eu aprendi que é muito importante comer alimentos saudáveis. (Miguel)

Ler, brinca, estuda. (Joaquim)

Através dos relatos dos educandos, pode-se notar que os mesmos dão significados ao que eles aprendem, pois além de ler e a escrever, mencionam que nos espaços da escola brincam, comem e são educados. Entende-se diante disso que a escola pode ser o lugar onde também se forma o caráter. Percebe-se a relação que há dos conteúdos elencados no currículo e que são praticados nos espaços externos e internos com as atividades planejadas nos momentos coletivos dos professores e na auto-organização, sendo este um dos elementos pertencentes ao currículo da Escola do Campo, justificando com isso a ideia do trabalho como princípio educativo.

Em relação à disciplina de agricultura, áreas do conhecimento específicas, diferenciais da Escola do Campo, na transcrição dos educandos não elencaram a disciplina como elemento de referência na vida dos estudantes camponeses, sendo esta ligada diretamente à agricultura camponesa¹³.

Neste sentido, Arroyo salienta que,

Há uma tentativa de traduzir, na organização escolar, as relações entre trabalho-educação e as análises que, nas últimas décadas, vem marcando a teoria pedagógica, a formação dos professores e as propostas pedagógicas das escolas. Essas propostas incorporam as concepções do movimento de Educação Popular, com ênfase na educação como humanização, assim como as concepções dos diversos movimentos sociais, em sua condição de movimentos pedagógicos que reafirmam os vínculos entre as lutas pelo trabalho, pela terra, pelo espaço, pelos territórios, pelas identidades coletivas e o direito a formação humana plena. São avanços políticos na concepção de educação que passam a orientar os currículos, a organização dos tempos-espaços, as didáticas e o material pedagógico das escolas (ARROYO, 2016).

A ida à escola como acesso a outros lugares carrega uma mistura de temor e fascinação, de descoberta do que esse lugar esconde, de descobertas para uma vida nova (ARROYO, p. 340. 2016).

Nas respostas dos educandos do 4º ano e 5º ano, em relação a primeira pergunta sobre o que eles aprendem nos espaços da escola, todos fizeram a devolução do questionário respondido.

¹³ Agricultura Camponesa é o modo de fazer agricultura e de viver das famílias que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos por meio da produção rural, desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que se apropriam do resultado dessa alocação. CALDART, Roseli S. Educação: (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

De acordo com as respostas escritas pelos educandos do 4º ano, percebe-se que todos entenderam o questionamento. Nota-se que a maioria apresenta dificuldades na grafia, porém é possível a compreensão:

Na escola eu apredo muita coisa boua cono estudar ler muito e esqueve muito para eu ser a huna coisa na minha vida que eu tenha um futuro muito boi inhou estuda bastante para eu ter uma relação aprender a dirigir tratou canião onibos carreta carro avião moto poriso que e bom estuda matéria portuheis ciênça história. (Tadeu)

Eu gosto muito de estudar na minha escola aonde eu sempre estudei desde do ano retrasado e hoje eu estou no 4º ano. Por que as professoras que encina os alunos aprender por que eu aprendi muitas coisas nessa escola que ate hoje eu estudo nela ainda por que nesse ano vou para o 5º ano por que quando as professoras esta explicando os alunos tem que presta bastante atenção por que enquanto mais o aluno esta conversando mas tenpo ele esta perdendo por que a escola que dar o futuro para os alunos aprender por que eu quero muito passar de ano por que eu quero ir para o 5º ano. (Tainá)

Eu aprendo a ser um aluno que tem um interesse em ser alguém na vida interesse em estudar pensar fazer atividades escrever desenhar brincar com meus amigos e colegas eu aprendo na escola a não brigar com colegas a aprender a brincar respeitar escrever eu aprendo coisa que eu nunca conseguir fazer na vida. (Nivaldo)

Eu aprendo estudando como podem ser as coisas no campo estudando vários tipos de matérias e como se fas um pantio encluzive produsoes de texto e materias do sistema solar isso é o que mais estudo. (Everaldo)

Na sala de aula eu aprendo muitas coisas tipo estudar bem para condo crese. Ser um menino esperto e educado. E na ora do laser eu aprendo muitas brincadeiras novas. Tipo pega, pega, pique esconde. E na ora do lanche eu saboreio muitas comida novas e gostosas e sucos muito bom. E rosquinhas e bolo e biscoito de goma. E a nosa merendeira senpre fala que não e para larga e nei derruba e nei colocar a nossa comida no prato dos outros. (José)

Nos aprendemos na sala de aula muitas coisas como não bate nos colegas. Nos aprendemos também no recreio que temos que come verdura, legumes e frutas. Lendo um livro. (Ana)

Eu aprendo escrevendo praticando, prestando atenção e outras coisas. Não é facio mas vamos aprendendo devagar nos tanbem aprende nas horas de brincadeiras todas aulas nos aprendemos. Nos também aprendemos algumas coisas no dia de algum passeio ir ao ita, ir para Santa Maria tudo que nos faz um deve que devemos aprende, estão nos aprendemos muitas coisas legal. Fim. (Patrícia)

eu aprendo com a prossora e com os meus colega as a que as prefessora e muito legal por que a maioria das professora e pesalivro e ciem a gente esta com dificuldade elas ensina e nos musha colega e muito legal co miga e com todos por que na minha opinião eu asho que as prossofessura aqui que elas emlina oque mingha as faria por nos alunos. (Gabriela)

Respeitando os amigos como tando no espaços da escola com fora. Respeitando os professores (a) e as pessoas falando com educação. Uma boa higiene na sala de aula como em outras partes da escola, e como no nosso corpo. (Fabiola)

Percebe-se nas descrições dos educandos o quanto gostam de estudar nesta escola, pontuam ser importante estudar Língua Portuguesa, Ciências, História, aprender sobre alimentação saudável e plantio na horta, citam a importância em fazerem as visitas de

estudos. Além de relatarem que é possível aprender em diversos espaços internos e externos e fora da escola com atividades diferenciadas.

Estes relatos contemplam as orientações previstas no PLAFEC (2012/2013), possibilitando correlacionar a proposta curricular específica da Educação do Campo com os conteúdos da Base Nacional Comum, considerando as especificidades dos espaços vivenciados pelos atores que nele atuam.

Em uma análise feita por Costa, (2012) o aluno campesino aprende diariamente, através da relação com o ambiente escolar, seja na lavoura, no cuidado com os animais ou brincando. Os espaços externos geram conhecimentos, pois aprendem a ler e escrever, a varrer a casa, tratar dos animais, a plantar e a colher, se divertem pescando, correndo, subindo em árvores, entre outras atividades. Adquirem maturidade e valorizando os conceitos familiares e sociais.

Com as respostas escritas pelos educandos do 5º ano, observa-se uma diferença de entendimento acerca do questionamento sobre como eles aprendem nos espaços da escola, em comparação ao 4º ano. Nota-se que a maioria apresenta um vocabulário com maior riqueza de detalhes, deram ênfase nas questões de relações pessoais.

Dialogando, lendo, escrevendo para conseguir passar de ano. A professora nos ajuda e fica mais fácil. Eu aprendo se eu ficar em silêncio, porque da mais concentração, e também muita paciência. O diálogo, também tem que ter com os colegas, porque eles podem ajudar e podem aprender mais rápido. Aprendendo com os erros assim também é uma forma de aprendizado. Provas são para mostrar que o aluno tem chance de melhorar. (Renata)

Eu aprendo coisas na escola. Muitas coisas tipo dentro da sala aprendemos alé escrevé. E no recreio aprendemos brincadeiras novas no recreio sempre lavamos as mãos antes de come os lanches da escola. Todo dia aprendemos brincadeiras novas. Na escola e muito bom por que aprendemos muitas coisas. (Val)

Nessa escola aprendemos em cada espaços principalmente dentro da sala de aula, em cada um espaços aprendermos coisas novas. Na hora do recreio aprendemos a conviver uns com os outros, dentro da sala de aula aprendemos a respeita a opinião dos outros, aprendermos a respeita uns aos outros e aprendermos com a ajuda da professora as atividade, na hora das refeições, aprendermos a dividi a mesa com nossos amigos. (Josi)

Eu aprendo que sempre tem que presta atenção nas atividades e quando presta atenção nas atividade e quando as pessoas falam e sempre quando toca o sino tem que se organiza. E lavar sempre a mao antes de come e sempre trase as atividade prontas de casa. Eu aprendo estudando a professo e sempre tem que perguta quando esta com tivicidade. (Mara)

Eu aprendo a estudar a fazer coisas que eu ainda não sabia, eu aprendo respeita os espaços da escola e aos professores, alunos, a merendeira. Eu aprendo a fazer o melhor de mim para se esforça, e nunca maltratar o meio

ambiente, eu aprendo a ter educação com as pessoas que eu convivo todo dia. (Sil)

Que não podemos xinga não bater nos colega não agredir não levantar falso testemunho ter educação uns com os outro. Não pegar as coisas do colega sem pedir ajuda o colega em momentos difíceis tudo isso que eu aprendo na sala de aula com minha professora. Não temos que ter educação só em casa na escola também enqualquer lugar que nos fomos temos que ter respeito com a professora com os alunos merendeira etc. (Lorena)

Agente aprende com os professores por exemplo a tia Camila ela é professora de agricultura então ela ensina a gente a fazer horta, adubar, limpa, planta etc... também tem a tia de Educação Física ela ensina como a gente ter uma saúde boa e ela ensina também exercícios físico e brincadeiras legais e saudáveis. E da tia Carlas ela da Português, Matemática, história, geografia, ciências, Artes etc. nos alunos aprendemos abastante coisas interessante com ela. Fim! (Luana)

Eu aprendo muito estudando na escola fico sentado na cadeira fazendo tividade que a professora fica ensinando atividade para nos se uma pessoa na vida trapalhando sustentado a nossa vida ser inteligente. (Nei)

Eu aprendi no meu espaços muito na escola e em casa eu aprendi que na sala de aula e a coisa que mais me ensina na minha vida aprende o respeito com os outros e respeita as professoras e não responde os mais velho. Eu aprendi na escola os combinados também que tem nas escolas mais tem colegas que não tem respeito eu gosto muito de respeita os outros mais quem não respeita não tem educação e respeito. (Anita)

Eu aprendo observando, praticando, conhecendo coisas que não temos em nossa escola. Eu aprendo com muita alegria, porque estudar é nosso futuro e precisamos dela para nossa vida. (Ludimilla)

Considerando a idade dos educandos do 5º ano, percebe-se com as respostas que houve entendimento sobre a utilização dos espaços, conseguiram deixar claro o que aprendem em cada local, demonstram maturidade por meio do vocabulário ao escreverem que há aprendizagem nos espaços internos e externos, citam em seus relatos que aprendem muitas coisas novas nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Artes, Geografia, Educação Física e Agricultura. Até então, nota-se que não difere da educação Tradicional.

O diferencial se dá nos elementos aplicados com as atividades planejadas na auto-organização, tais como: organizar a sala, o refeitório, varrer o pátio, ajudar a professora entre outras, percebe-se nas atividades mencionadas por eles que são atribuições fundamentais para garantir a autonomia e a capacidade de organização do grupo.

O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem, portanto nem há univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. (CERTEAU, 2005 p 202).

Observa-se que as crianças identificaram espaços que geram aprendizagens, locais estes que não foram descritos pelos professores comparando os resultados obtidos através da leitura dos desenhos¹⁴ dos educandos com as respostas do questionário respondido pelos professores. Acredita-se que devido o espaço externo no entorno da escola ser pequeno para desenvolver as atividades agrícolas, além da falta de recursos para manutenção das demandas que a disciplina de Agricultura exige, falta de água no período de seca, terreno arenoso, todos esses problemas inviabilizam o planejamento de práticas agrícolas. A utilização dos espaços externos foram mencionadas por apenas três alunos e por nenhum dos professores participantes da pesquisa.

Muitos elementos diferenciam a educação do Campo do Ensino Regular e a disciplina de Agricultura é um diferencial da escola multisseriada do Campo, portanto esses entraves não deveriam inviabilizar a execução das práticas pedagógicas previstas no PLAFEC (2012/2013). Estas dificuldades colaboram para que os professores trabalhem mais a teoria do que as práticas agrícolas, utilizando pouco o espaço externo da escola. Impedindo que os mesmos visualizem os espaços externos como lugar de aprendizagem.

Nas imagens 06, 07 e 08 estão alguns dos desenhos feitos pelos alunos do 3º ano. O objetivo principal dessa atividade foi o de extrair do imaginário das crianças informações sobre a relação dos sujeitos com os espaços internos e externos que existem na escola ou fora dela e que possibilitam aprendizagem.

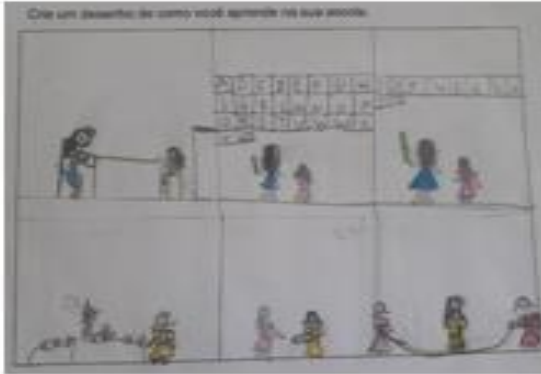
Alves (2004) avalia o uso imagético de suma importância como complemento nas práticas cotidianas nas escolas campesinas no fato delas conduzirem às múltiplas realidades captadas pelas imagens, que não ficaram explícitas na escrita:

As imagens são portadoras de possibilidades de compreensão ampliada do que é e do que pode ser a prática pedagógica real, escamoteada e tornada invisível “a olho nu” pelas normas e por regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos nesse contexto (ALVES, 2004).

¹⁴ Desenho é uma manifestação quanto à percepção do espaço interno e externo frequentado pelas crianças na escola. Na folha em que os alunos criaram os desenhos estava escrito que era para desenhar o que e onde aprendiam na escola.

Pode ser observado que nas imagens 06 e 07 os alunos representam como visualizam a escola e os espaços que utilizam, na imagem 08 tem-se a representação da fachada, da escola, porém nenhuma pessoa é vista nessa imagem.

Imagem 06 . Desenho educandos 3º ano



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 07 . Desenho educandos 3º ano



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Alves (2004) contribui quando afirma que, é percebido que as imagens mostram o que ali está, o que não está, o que poderia estar, o que seria bom se estivesse, o que veio antes e o que veio depois. Nos elementos narrados através dos desenhos pelos educandos da EPM “Nova Vista é possível visualizar o que as imagens revelam sobre o aprender coletivo e individualmente na Educação do Campo.

Imagem 08. Desenho educandos 3º ano



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Nos desenhos analisados a ideia de espaço criada por cada aluno retrata os espaços internos e externos, evidenciando que é possível aprender fora da sala de aula. Sendo esses locais: o pátio para as brincadeiras (recreio) e Educação Física, a horta, a cozinha, o refeitório e o banheiro.

Para que seja utilizado os espaços mencionados pelos alunos a proposta curricular da EPM “Nova Vista” contida no PLAFEC (2012/2013), traz vários elementos possíveis de serem desenvolvidos, tais como:

- Oficinas, proporciona aos estudantes colocar em prática o conhecimento adquirido em sala de aula de maneira diferenciado as técnicas agrícolas com seus familiares.
- Formação das famílias, prática realizada no sentido de dialogar com os mesmos relacionando os saberes científicos aos saberes vivenciados no dia a dia do homem e da mulher do campo.

Em se tratando do que as Escolas do Campo proporcionam nos espaços e práticas pedagógicas valorizando os mesmos, onde as transformações acontecem, Certeau (2005), afirma que em uma análise das práticas cotidianas que articulam a essas vivências, compara a um objeto ou a um ser humano, especificam os “espaços” pelas ações dos sujeitos históricos.

Ao analisar os desenhos dos alunos do 4º e 5º ano, observou-se que a diferença está apenas no traçado, porém a ideia de utilização dos espaços não difere da turma do 3º ano. Ficou evidente nos desenhos que os ambientes internos e externos são sempre utilizados com atividades ora são considerados, ora não para fins pedagógicos.

Segundo (Caldart, 2004) na compreensão do aluno do Campo, os saberes não acontecem apenas na sala de aula, vai além deste espaço, está presente em praticamente todas as relações vivenciadas em comunidades. A troca não ocorre somente no interior da escola e nem precisa da presença de um educador para que haja aprendizagem, ele também acontece fora do ambiente escolar.

Da imagem 09 a 16, a seguir estão alguns dos desenhos feitos pelos alunos do 4º e 5º ano.

Imagem 09 – desenhos educandos 4º ano

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 10 – desenhos educandos 4º ano

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Na imagem 09 observa-se que meninos e meninas brincam juntos no mesmo espaço, pode se dizer sem preconceito.

Imagem 11 – desenhos educandos 4º ano

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 12 – desenhos educandos 4º ano

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

ALVES (2004) nos ajuda a pensar sobre o que o educando representa na imagem 12 onde percebe-se que os meninos estão organizados em um jogo de futebol ao passo que não representaram nenhuma menina nesse espaço. Futebol é para homem! Não está dito, mas é tão clara a tendência de a organização do lazer. Na imagem 13 e 14 a seguir, predominantemente foi representado uma escola em formato tradicional, esse padrão dispensa outros comentários.

Imagem 13 – desenhos dos educandos 5º ano

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

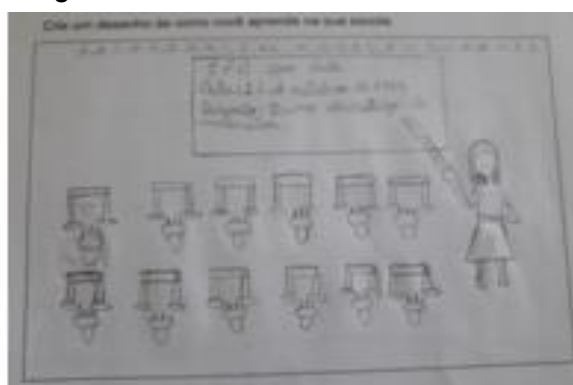
Imagem 14 – desenhos dos educandos 5º ano

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

A imagem 13 e 16, desta vez da sala de aula dessa mesma turma, vem de encontro com o que Alves (2004) analisa em um de seus estudos. Mostra-nos o diálogo permanente que existe, no cotidiano escolar, entre as normas disciplinadoras e o movimento da vida real. Organizada de modo “tradicional”, com as carteiras enfileiradas umas atrás das outras, a sala de aula, entretanto, não é só isso, aparece a professora falando, explicando texto na lousa.

Imagem 15 – desenhos dos educandos 5º ano

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 16 – desenhos dos educandos 5º ano

Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Na imagem 15 fica evidenciado que além dos espaços externos serem utilizados como locais de práticas pedagógicas, o mesmo é ilustrado como área de usos para brincadeiras recreativas. Os estudantes demonstraram, através dos desenhos, percepção e interação com o espaço escolar. Os desenhos, relacionam-se com os espaços internos e externos da escola onde, com certeza os estudantes vivem experiências geralmente exitosas.

A partir dos momentos recreativos e nas brincadeiras o educando da Educação Campo se funda como sujeito inserido no lugar em que vive, é no espaço fora da escola que o brincar evidencia-se expressivamente como elemento da formação do cidadão, com preceitos éticos, morais e sociais (BUELONI, 2019).

A ocupação do espaço, sua utilização, supõe sua constituição como lugar. O “salto qualitativo” que leva do espaço ao lugar é, pois, uma construção. Espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se “a partir do fluir da vida” e a partir do espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído. (FRAGO e ESCOLANO, 2001 pag. 61).

É notório que as atividades realizadas nos ambientes externos traz maior satisfação. Pois é nesse momento que os alunos sentem-se livres para expressarem seus sentimentos, suas expectativas, seus conhecimentos prévios, interagindo com a natureza. Por isso, os espaços internos devem proporcionar atividades usando recursos didáticos como: multimídias, jogos educativos, experiências em laboratórios, entre outros, para que os educandos valorizem os conceitos teóricos aplicados dentro da sala de aula e, sempre que possível, integrá-los aos espaços externos.

3.3 ESPAÇOS, LUGARES, OBJETOS TEMPOS DE APRENDIZAGENS

3.3.1 Contexto da Aprendizagem

Considerando a proposta curricular do município de São Mateus para as Escolas do Campo multisseriadas, que tem como objetivo o aprofundamento da pesquisa e da realidade, através do estudo dos conteúdos das disciplinas, observando os enfoques dos Temas Geradores, com complementação dos estudos através de visitas e viagens, palestras e oficinas. Para coletar os dados de verificação de como as práticas pedagógicas (planejamentos dos professores, atividades do tema gerador, estadias letivas, pasta da realidade e plano de formação das famílias) que são desenvolvidas na EPM “Nova Vista”, fui autorizada pela equipe pedagógica a consultar os documentos que ficam arquivados em um armário na sala de planejamento. Com esses dados foram feitas as comparações entre as práticas realizadas e o que está previsto no PLAFEC (2012/2013 p.20).

Uma das atividades pedagógica relacionada ao Tema Gerador segue no registro das imagens 17, 18 e 19, onde os alunos estão conhecendo a estação de tratamento de água que abastece a comunidade e a escola, cujo o tema gerador foi a Água, a fim de contextualizar a problemática vivenciada pela escola e comunidade devida a falta de água. Os educandos foram compreender o mecanismo de funcionamento da estação de tratamento e tentar relacionar os conteúdos discutidos em sala de aula com o problema em questão.

Imagem 17- Visita a ETA



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 18- Visita a ETA



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 19- Visita a Estação de Tratamento de Água (ETA) – 2017



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Nas contribuições de (ALVES 2004), afirma que,

Sair da escola e “conhecer a vida fora dela” nos estudos do cotidiano escolar e das redes de conhecimentos que nele se formam, sabemos, hoje, que os conhecimentos e valores são encarnados nos sujeitos, o que faz com que esses conhecimentos e valores estejam, sempre, nas escolas desde o momento em que os praticantes do currículo nelas entram?

Segundo Freire (2009), esse momento é muito importante, pois, na pesquisa do universo temático que envolve as relações homem-mundo, é preciso ter a consciência da necessidade de uma formação crítica que promova a releitura da situação em estudo. Nas palavras de Freire (2009, p. 56), o “tema gerador” é investigar, repitamos o pensar dos homens referidos à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis”.

Nessa atividade ressalta a importância da realização de atividades fora do espaço escolar, uma vez que esse tipo de atividade proporciona aos alunos a possibilidade de relacionar os conceitos estudados em sala de aula com o cotidiano.

Outras atividades relacionadas ao tema gerador também são desenvolvidas nos espaços externos da escola, as imagens 20, 21, 22 e 23, ilustram a oficina de Argila para contextualizar o Tema Terra, considerando o resgate das culturas populares que tem como fundamento os quatro elementos da natureza (terra, ar, água e fogo), nesta oficina, além dos objetos de argila que foram produzidos proporcionou também, o resgate da sabedoria popular da comunidade local que utilizavam o barro nas construções de moradias, do fogão a lenha, do uso do barro como tinta, do piso das casas, entre outros.

A oficina com Argila, foi realizada na EPM Nova Vista no ano 2017, as imagens foram retiradas dos registros da escola sobre as atividades que são desenvolvidas com os educandos de acordo com os temas geradores que estão sendo trabalhados no momento.

Imagem 20 - Oficina de Argila – EPM Nova Vista



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 21 - Oficina de Argila – EPM Nova Vista



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

O primeiro momento foi de preparação da argila, onde os educandos tiveram a oportunidade de vivenciar o primeiro contato com o barro, verificando as diferentes tonalidades da terra.

Imagem 22 - Modelagem de objetos de cerâmica



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 23 - Modelagem de objetos de cerâmica



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Neste momento, os alunos usam de suas criatividade para modelar algo bem similar com que eles utilizam no dia a dia. Podendo fazer um resgate histórico de como eram os objetos usados nas cozinhas de quem viviam nas comunidades rurais no passado.

O conhecimento engloba a totalidade da experiência humana. O ponto de partida é a experiência concreta do indivíduo, em seu grupo ou sua comunidade. Esta experiência se expressa através do universo verbal e do universo temático do grupo. As palavras e os temas mais significativos deste universo são escolhidos como material para (...) a elaboração do novo

conhecimento, partindo da problematização da realidade vivida (ZITKOSKI, 2006 p 25).

Sobre as oficinas orienta o PLAFEC que,

Sejam realizadas na sede da escola onde os estudantes aplicam o conhecimento teórico assimilado nas áreas através da prática, completando assim, as atividades práticas para a vida do meio rural. Motivando as famílias e comunidade, possibilitando ao estudante desenvolver compromisso, responsabilidade, expressão e autoestima e a encontrar possíveis alternativas para as dificuldades do meio em que vive. (PLAFEC 2012/2013 p. 21)

As oficinas realizadas no espaço da escola tanto interno como externo, possibilita aos educandos materializar, ou seja, sair do abstrato considerando os conteúdos previstos no currículo, compreendendo as especificidades e gerando conhecimento através da troca de saberes entre os mesmos, dos professores mediadores e de pessoas da comunidade. Desta forma, o elemento (Tema Gerador), proporciona aos educandos através da vivência prática aprender dentro de um contexto histórico local.

3.3.2 Materialidades quem geram aprendizagens

3.3.2.1 Espaço interno

Na avaliação do espaço interno consta nos registro da estruturafísica, que o prédio da EPM “Nova Vista”, foi construído em alvenaria, com cobertura de telhas coloniais, sendo dividido em: duas salas de aproximadamente $6m^2 \times 9m^2$, utilizadas para aulas, e outra sala na mesma metragem dividida para o atendimento de secretaria, planejamentos e equipe pedagógica, uma sala usada como cozinha de aproximadamente $6m^2 \times 6m^2$, um refeitório de aproximadamente $6m^2 \times 8m^2$ e um estoque de gêneros alimentícios de aproximadamente $3m^2 \times 5m^2$ e um espaço de acesso as salas de aula e cozinha, onde é realizada a mística, e outros eventos comemorativos, além de dar acesso ao banheiro que fica na área externa do prédio. Estes espaços estão ilustrados nas imagens que seguem.

Imagem 24- Salas de aula – EPM “Nova Vista”**Fonte:** arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira**Imagem 25 -** Salas de aula – EPM “Nova Vista”**Fonte:** arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

As salas de aula são compostas com os seguintes mobiliários e equipamentos: conjuntos de cadeiras e mesas, inerentes ao número de alunos, 01 quadro branco, 01 armário aberto com livros de literatura Infanto-juvenil e livros didáticos, 01 armário de aço duas portas para guardar materiais de uso dos alunos, pasta da realidade, entre outros, 01 ventilador de parede.

No período matutino uma das salas é usada com os alunos do 3º ano, no período vespertino com os alunos da educação infantil, (4 e 5 anos). A outra, no período matutino com os alunos do 4º e 5º ano e no período vespertino com os alunos do 1º e 2º ano.

Com base no que os educandos descrevem sobre o espaço sala de aula percebe-se que na visão deles não há diferença da escola tradicional em se tratando dos conteúdos para a escola do campo. No entanto, ao observar à imagem 10 a disposição das mesas e cadeiras em que os alunos sentam, é possível identificar o diferencial da Educação do Campo nestes ambientes. Para as professoras, diretora e pedagoga todo espaço interno sala de aula é possível ensinar e aprender. Além dessa maneira deles estarem sentados em sala de aula, no período de observação foi visto outros modos de organização dos espaços da sala como em grupos, em círculo, em duplas, raramente organizado de maneira tradicional enfileirado.

Para Certeau, o espaço é onde os móveis se cruzam, ele não é dado a priori, ao contrário, ele é elaborado de acordo com o que se constrói. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, por mais que exiba pontos de referência às

possibilidades de percursos não estão dadas, estarão sempre por serem ditas, idealizadas e criadas. (CERTEAU, 2005 p. 202).

Nas imagens 26, 27 e 28 que seguem existem 8 mesas, 10 cadeiras, 01 televisão, 01 armário para uso administrativo e pedagógico (livro de ponto, livro ata, entre outros), 01 armário de aço duas portas para guardar materiais pedagógicos, 01 armário aberto para guardar os materiais confeccionados pelos professores com materiais reciclados e 01 ventilador.

Imagem 26 - Espaço utilizado - equipe pedagógica **Imagem 27** - Espaço utilizado - equipe pedagógica



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 28 - Espaço utilizado - equipe pedagógica



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

A imagem 28, retrata a sala utilizada para o serviço de secretaria, planejamento e equipe de gestão. Neste espaço são realizadas atividades distintas, não sendo esta uma prática comum das escolas tanto tradicional como da Educação do Campo, sendo atribuído a uma falta de planejamento a longo prazo de adequações físicas do prédio de acordo as demandas futuras.

Nesse sentido, além das ideias em relação a espaços específicos para atividades específicas, Certeau indicará também,

Saberes e artes de fazer que irritam e estimulam a domesticação, mas também anunciam e apelam à criação engenhosa, dando esperanças de que, nos interstícios¹⁵ dos códigos impostos, toda uma série de táticas subterrâneas possa dar vida a ações sem autores e sujeitos sem nome, demolindo as verdades de discursos morais, políticos e tecnocráticos que tentam fabricar o conformismo. Uma sociologia da vida cotidiana é também uma política da vida cotidiana (CERTEAU, 2005).

Os profissionais da EPM “Nova Vista”, nesse movimento de ensinar e aprender de acordo com sua realidade usam nas suas práticas as táticas e estratégias para que o planejamento feito seja de fato aplicado em seu dia a dia. Pois, é a partir desses processos que emergem as táticas, capazes de transgredir uma ordem e ressignificar o uso de um espaço na escola. (CERTEAU, 2005).

Nas imagens 29 e 30, pode ser visto momento da pesquisa em que acompanhei o planejamento coletivo na EPM “Nova Vista”, sabe-se da importância de planejar ações para que o processo educativo, tais como vivência do estudante, educação, família e comunidade, aconteçam de fato. Diante disso, a equipe da escola busca em seus planejamentos refletir as ações do dia-a-dia num processo gradual, interpretando via diagnóstico nacional, a situação da Educação do Campo, integrando os conteúdos vivenciais e científicos numa práxis de reflexão constante, buscando formas de superar dicotomias de autoritarismo e paternalismo nas relações educador (a) – educando (a). (PLAFEC 2012/2013 p.19)

Imagem 29- planejamento coletivo –
EPM “Nova Vista”



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 30- planejamento coletivo –
EPM “Nova Vista”



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

¹⁵ Interstícios: pequeno espaço entre as partes de um todo ou entre duas coisas contínuas. DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa, Editora Objetiva, 2001.

Segue o relato da pedagoga sobre como ensina na escola relacionando aos planejamentos dos professores.

Os planejamentos são semanais, diante da realidade de acompanhamento itinerante. Com as professoras do NC (Núcleo Comum), o diálogo se dá sempre direcionado pelo PLAFEC e seus elementos. As áreas específicas também são orientadas, sempre do conceito teoria e prática. As dificuldades do acompanhamento pedagógico é a itinerância, pois a mesma não permite o acompanhamento diário. A Educação contextualizada contempla todos os aspectos da vida integral dos estudantes e dos direitos de aprendizagem, das famílias e das comunidades, o processo pedagógico do PLAFEC engloba a totalidade. (Maria).

No relato da pedagoga ao referir-se ao acompanhamento do planejamento, cita que uma das dificuldades do trabalho é atuar como pedagoga itinerante. Trabalho esse que no município de São Mateus o pedagogo assume a vaga de efetivo ou designação temporária, com carga horária de trabalho de 25 horas semanais, faz o acompanhamento pedagógico atendendo três, quatro, cinco escolas multisseriadas depende da região em que atua. No caso da Pedagoga EPM “Nova Vista” a mesma atende três escolas. Não sendo este uma problemática somente da Educação do Campo, mas do município.

Na cozinha existem de equipamentos 01 geladeira e 01 fogão industrial de 04 bocas com chama dupla, contendo 01 forno acoplado, além dos mobiliários sendo estes: 01 jogo de mesa com 04 cadeiras, 03 armários para guardar utensílios, 02 pias e 01 filtro de barro.

Espaço utilizado para armazenamento de alimentos e utensílios de cozinha, possui prateleiras construídas em alvenaria, as paredes sem revestimento em cerâmica ou azulejo como determina a legislação.

Imagem 31 – Cozinha



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 32 - Estoque de gêneros alimentícios.



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Observa-se que estes espaços são limitados, e não se encontram dentro das Resoluções - RDC nº 275, de 21 de outubro de 2002 e Resolução - RDC nº 216, de 15 de Setembro de 2004, que trata do regulamento nacional de boas práticas para serviços de alimentação.

O espaço que consta no registro da Imagem 33 é o utilizado como refeitório, onde todos os educandos fazem suas refeições.

Imagem 33 – Refeitório da EPM “Nova Vista”.



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Assim como os espaços utilizados como cozinha e estoque, o refeitório também deixa a desejar na infraestrutura, é pequeno, o pé direito não atende aos requisitos que RDC nº 216, de 15 de Setembro de 2004, preconiza para estes estabelecimentos.

Quanto ao que e como aprendem os educandos citam que no espaço do refeitório aprendem a comer alimentos saudáveis, lugar este que também de acordo com a auto-organização cada equipe contribui na limpeza.

Sobre o envolvimento do coletivo de estudantes no cotidiano escolar, o que remete para um trabalho além da sala de aula, em direção à organização da gestão da escola e da sociedade, contextualizando a interação entre a sala de aula, a escola e a sociedade. Assim, a escola deve assumir os demais “tempos” existentes dentro do ambiente escolar que podem ser dinamizados e explorados no processo ensino e aprendizagem. (BALDOTTO E MORILA p. 46-47, 2016).

Nesse sentido, as escolas multisseriadas, incorporaram à prática pedagógica dos estudantes a Auto-organização, elemento pedagógico praticado em várias escolas do

campo, pois o educando é parte do processo e está diretamente ligado a ele, como exemplo: nas atividades desenvolvidas na horta escolar, organização do ambiente, coordenação da semana entre outras atividades pertinentes a realidade. PLAFEC (2012/2013 p.36).

Para finalizar os espaços internos, a Imagem 34, mostra parte do local onde são realizadas as místicas, e outros eventos comemorativos.

Imagem 34 – Holl de acesso às áreas internas e externas.



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Observa-se que o local que dá acesso às áreas interna da escola é um espaço acolhedor, é nele que os educandos se reúnem para os momentos de atividades coletivas. De realização da mística, e outros eventos comemorativos, além de dar acesso ao banheiro.

Para a Educação do Campo a Mística é um elemento que ressignifica as atividades pedagógicas do cotidiano, sobretudo por possibilitar a expressão da cultura da comunidade, os valores relacionados ao que é justo e injusto, a arte, entre outros sentimentos. E assim, corrabora no fortalecimento da luta pela Educação do Campo. (BALDOTTO, 2016).

Neste sentido para Bogo:

Mística¹⁶ é um sentimento que passeia delicado e lento por dentro de nosso coração. Como se tivesse mãos, coloca o ânimo em cada pensamento. Mexe

¹⁶ Mística: A palavra mística é a representação de mistério. Usa-se geralmente a palavra “mistério” para designar coisas inexplicáveis ou coisas indecifráveis, mas neste caso não é. Mistério para a mística é saber a razão porque na luta as coisas extraordinárias acontecem. Ademar Bogo, Dicionário da Educação do Campo 2012.

no comportamento, no jeito de andar, falar e sorrir; é a força que nos faz sentir, prazer e arrependimento. Quem tem mística está sempre crescendo. A cada dia sente-se renascendo nas coisas que vai realizando. Seja na base ou no comando, a mesma energia se manifesta, como a alegria em uma festa, instiga quem está participando. Mas a mística não é só bondade, às vezes se serve da ansiedade e angústia o corpo inteiro. Como uma chama no candeeiro que bebe o líquido que está dentro, provoca todos os talentos e esgota as capacidades. Desafia as habilidades para enfrentar certos apuros, nos cobra para sermos mais maduros diante dos acontecimentos (BOGO, 2012 p. 473-477).

Nas imagens 35, 36 e 37, estão representando o elemento chamado mística, o qual é pensado e organizado pelos professores e educandos. Esse momento acontece normalmente para motivar o início de um trimestre dando ênfase ao tema gerador que será estudado, debatido e pesquisado durante o trimestre.

Segundo Pizzeta (1999), a mística é uma vivência que se manifesta com teoria, conteúdo e ideologia, a qual se exercita a prática do diálogo, evidencia-se com conteúdo e forma. Esses dois aspectos se demandam e se estimulam e ao mesmo tempo, harmonizam o desenvolvimento político no cotidiano da militância e o enriquecimento do imaginário dos sonhos e esperanças para o fortalecimento de um projeto.

Imagem 35 Mística



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 36 Mística



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 37 - momento de realização



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Na EPM “Nova Vista”, embora não foi relatado pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, na observação durante o período da pesquisa, bem como nas imagens 35 a 37 percebe-se através das atividades planejadas e vivenciadas pelos mesmos que a mística tem sido elemento de motivação para a equipe pedagógica, educandos, professores e pais.

3.3.2.2 Espaço Externo

Nas práticas pedagógicas desenvolvidas na EPM “Nova Vista” e nos desenhos que os estudantes criaram foi possível perceber que os professores e a equipe pedagógica demonstram que esse espaço “tradicional” está sendo “fabricado” de outros modos (CERTEAU, 2005).

O espaço-escola não é apenas um “continente” em que se acha a educação institucional/tradicional, isso é um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem para execução das ações planejadas. Espaço-escola interno ou externo é, além disso, um mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem. (FRAGO E ESCOLANO, 2001).

O espaço externo da escola conta com uma área de aproximadamente 500m², o mesmo é utilizado nas atividades práticas das disciplinas de Agricultura, Educação

Física e de brincadeiras, hora do recreio, entre outras. Além de estar localizado o banheiro.

Imagem 38 – banheiros



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Observa-se que por falta de planejamento na época da construção, na infraestrutura da escola é que o banheiro fica localizado na área externa sem cobertura. No período chuvoso causa transtornos para o uso, uma vez que os alunos e funcionários precisam se deslocar das salas, além de não ser acessível para pessoas com obesidade mórbida, cadeirantes e outras deficiências. Ressalta-se que os banheiros são utilizados pelos alunos e por todos os profissionais da escola.

Nas construções feitas na zona rural num passado recente o banheiro não fazia parte dos cômodos da casa, eram construídos sempre na área externa. Entende-se que há uma relação nas construções das escolas. Sendo esta uma prática comum e que não era vista como um problema. Não havia preocupação com a vida dos estudantes camponeses, eram espaços improvisados.

Sobre isso Frago e Escolano (2001), ressalta que a escola em suas diferentes concretizações, é um produto de cada tempo, e suas formas construtivas são, além do resgate cultural e das tradições fica bem ilustrado que há dominância de valores considerando as épocas. Pode ser, inclusive que a escola do mesmo modo que a casa conserve todos os significados sob a dominante cultura mais recente. Sendo assim, a escola atual apresenta sem dúvida características “domésticas”.

No momento do recreio fica evidenciado como as crianças aproveitam desse espaço para brincarem e se divertirem. Observa-se na imagem 39 que estão sempre em

grupos é perceptível a relação de coletividade e cuidado uns com os outros. Neste momento um aluno especial recebe auxílio da professora e alguns colegas para participar da brincadeira de equilíbrio no pé de lata.

Imagem 39 – momento do recreio



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Imagem 40– momento do recreio



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Segundo Ecke et al., (2010), o recreio escolar é um espaço fundamental para a integração dos alunos da escola, contribuiu na formação destes indivíduos. Representa o cotidiano vivido pela criança fora da escola. A maioria dos alunos gostam do recreio, considerando este um lugar de satisfação pessoal e de grupo, pelo ambiente favorecer o fortalecimento dos relacionamentos e amizades. As brincadeiras no recreio são técnicas ricas em relações interpessoais (trocas sociais e afetivas).

A relação da criança com o espaço externo não é um acontecimento isolado, mas um corolário¹⁷ que se acrescenta ao modo de construir as comunidades e as escolas em nossas sociedades (FRAGO E ESCOLANO, 2001).

O espaço que se vê na imagem 39 e 40 é o local onde acontecem as aulas de Agricultura, Educação Física, brincadeiras nos momento de lazer, no recreio, entre outras atividades.

É nesse espaço externo que as Escolas que trabalham com a modalidade da Educação do Campo se diferenciam da escola tradicional, onde as práticas pedagógicas, experiências agrícolas devem ser desenvolvidas pelos alunos, colocando

¹⁷ Corolário: proposição que deriva, em um encadeamento dedutivo, de uma asserção precedente, produzindo um acréscimo de conhecimento por meio da explicitação de aspectos que, no enunciado anterior, se mantinham latentes ou obscuro. DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa, Editora Objetiva, 2001.

em prática suas experiências vivenciadas na família para também desenvolver o Tema Gerador e as oficinas que trabalham com os tratos culturais.

Como já mencionado neste trabalho, a disciplina de Agricultura é um diferencial da escola multisseriada do Campo, porém não acontece de fato devido as dificuldades que contribuem para que os professores trabalhem mais a teoria do que as práticas agrícolas, utilizando pouco estes espaços externo da escola para este fim.

A implantação da disciplina de Agricultura nas escolas do Campo no Município de São Mateus/ES deu-se a partir do Parecer nº 003/2011, de 04/11/2011, conquista esta da Educação do Campo. A disciplina mencionada relaciona-se diretamente com as demais áreas do conhecimento, pois a integração das áreas é o início do desenvolvimento das potencialidades de cada ciência. A ideia de integrar o conhecimento indica a importância de relacionar os diferentes saberes, não só das áreas de conhecimento, mas também com os estudantes (PLAFEC 2012/2013 p. 7).

Este trabalho, que investiga a implementação das áreas de conhecimento específicas, principalmente da agricultura, ressaltando a importância da construção do currículo e a valorização da disciplina, uma vez que é possível nas aulas de agricultura relacionar o conhecimento popular diretamente com a ciência desenvolvendo as atividades/aulas de maneira mais flexível.

Imagem 41 – alunos na aula de agricultura



Fonte: arquivo pessoal Joelma Ribeiro de Oliveira

Embora o diferencial seja os espaços externos que as escolas de Educação do Campo tem para desenvolverem suas práticas curriculares, a não existência de uma horta, vista na imagem 41, justifica-se pela falta de investimentos nessa área, como a escola não recebe verba específica para estes fins, inviabiliza o desenvolvimento das práticas agrícolas. Nesta região independente da época, falta água, a terra é arenosa dificultando o cultivo de hortaliças e outras culturas.

Mesmo diante das dificuldades em infraestrutura vistas nos registros das imagens, observou-se nas experiências de aprendizagem que os espaços internos e externos contribuem para a vida cotidiana dos educandos, uma vez que seus saberes se tornam objetos de estudos, nos quais eles irão aprofundar para transformar a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir Espacialidade, currículo de escola multisseriada do Campo foi um grande desafio. Embora falou-se do que se vive, do que se faz, das relações, é desafiador porque pouco escreve-se sobre o que se faz na Educação do Campo.

O currículo e as relações com a espacialidade em escolas do Campo, por sua vez, é algo pouco debatido no meio acadêmico, como se já fosse algo dado, inquestionável e quando deixa-se de discuti-lo passa-se a aceitar os padrões determinados por um grupo dominante, que, na grande maioria das vezes, não tem a legitimidade para determinar as políticas públicas da Educação do Campo.

Tratar sobre Espacialidade e o Currículo é muito mais que discutir espaço/conteúdo específico, mas é principalmente discutir o chão da escola, sua organização, sua prática cotidiana. Para Arroyo (2016), os currículos poderão ser um território dialético da diversidade de histórias e memórias.

Propôs-se a discutir nesta pesquisa como a espacialidade e o currículo das escolas multisseriadas do Município de São Mateus se constituem. Entende-se a pesquisa como um processo e não como um ponto final. Assim, procurou aprofundar-se na Educação do Campo, perspectivas históricas no Brasil e o contexto da Educação do Campo no Espírito Santo.

Nesta etapa, buscou-se em periódicos os debates realizados. Encontrou-se para isso o suporte de Arroyo, Caldart, Pizetta, Freire, Frago e Escolano. São autores que, dentre outros, defendem a ideia de que a Educação do Campo visa um novo projeto para os sujeitos do Campo, possibilitando assim uma reflexão mais ampliada sobre o assunto; com apoio dos autores, elencou-se os debates que, por vezes, giram em torno da concepção política de educação presente nas Pedagogias dos Movimentos sociais do Campo. Conclui-se, no entanto, que falta-nos ainda aprofundar a necessidade de se pensar o papel das teorias das espacialidades e curriculares frente às discussões acerca dessas políticas, em especial quando tratamos do campo da Educação do Campo, ou seja, se faz necessário pedagogizar a política.

Dialogou-se sobre a Educação Campo e suas peculiaridades no município de São Mateus - Norte do Espírito Santo, discorrendo sobre o processo de lutas e conquistas na região.

Em seguida tratou-se na pesquisa sobre os desafios das espacialidades, buscou-se uma compreensão histórica dos espaços destinados à Educação Primária no Estado do Espírito Santo. Perpassou por alguns pontos da história das construções dos espaços da educação no Brasil. No plano da prática cotidiana da Educação do Campo buscou-se estudar acerca do uso dos espaços internos e externos da escolas do Campo.

Discorreu-se em seguida sobre a prática Curricular da Educação do Campo no Cenário Nacional, no intuito de encontrar uma escola inserida na realidade campesina, com uma proposta pedagógica relacionada as questões estruturais da escola do Campo.

Para tanto, discorreu-se as perspectivas metodológicas da pesquisa e a metodologia escolhida para o desenvolvimento do trabalho. Observou-se que a matriz de análise e os questionários semiestruturados foram elementos de enriquecimento da pesquisa, sendo suporte para elaboração das análises; no entanto, fica-nos perceptível a necessidade de um maior entendimento e valorização da pesquisa como parte do processo formativo, não apenas do professor pesquisador, mas de todos os atores sociais envolvidos.

A Materialidade que gera aprendizagem na Educação do Campo foi o cenário da escola abordada ao fazer análise da Espacialidade e a relação com o Currículo vivenciado pela equipe pedagógica da EPM “Nova Vista. Buscou-se retratar neste momento as singularidades da equipe pedagógica, dos professores e dos estudantes. Os desafios e possibilidades das multisseriadas; o que demanda, um trabalho pedagógico diferenciado, neste caso, em especial foi estabelecido através do Plano de Fortalecimento da Educação do Campo (PLAFEC), apesar dos limites observados na pesquisa tem sido suporte para grande parte das discussões do currículo seguido.

Descreveu-se também sobre os Espaços, Lugares, objetos tempos de aprendizagens, considerando a Proposta Curricular do Município, os espaços internos e externos da

escola. Esta etapa foi realizada a partir da análise dos elementos propostos no Currículo, abrangendo questões mais específicas das práticas pedagógicas e conteúdos curriculares trabalhados no cotidiano da escola.

Buscou-se entender como os professores se colocam neste movimento espaço interno/externo/currículo, como compreendem e interagem no sentido da contribuição do currículo para os processos formativos dos sujeitos do campo.

Conclui-se que o currículo perpassa por todos os processos educativos, desde os conteúdos até as atividades integradas com as comunidades campesinas, entende-se a escola como um espaço mais amplo do que os prédios/muros que as delimitam, mas um contínuo artifício de busca onde os professores, ao ensinarem também aprendem, num movimento dialético de ensino aprendizagem. Os autores estudados trouxeram questões de como pensar e propor políticas de currículo sem reduzir ou desfocar a concepção de Educação do Campo presente nas pedagogias.

Entende-se que a pesquisa estará sempre em construção, pode-se dizer que a espacialidade, o currículo das escolas multisseriadas implica diretamente no processo formativo dos sujeitos do campo, sejam esse estudantes, família, professores.

A pesquisa possibilitou refletir a importância de “driblar” a “vigilância” do sistema e ressignificar o Currículo, os espaços da EPM “Nova Vista”, rever e superar paradigmas. Nesse sentido, fica a sugestão da importância de formação continuada aos professores e a equipe de gestão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Denise Regina da Costa: O Currículo em ciclos de aprendizagem: uma proposta de escola pública, popular e democrática. PUC/SP. 2013.

ALVES, Nilda. Imagens de Escolas: Espaços tempos de diferenças no cotidiano. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 86, p. 17-36, abril 2004.

ALGERI, Marinês Serro. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA: um olhar psicopedagógico. Revista de Educação Vol 09. Nº 20 julho 2014.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Prefácio. In. KOLLING, Edgar Jorge. (Orgs). **Por uma educação básica do campo**. Fundação Universidade de Brasília, 1999.

_____. **Indagações sobre o Currículo: educandos e educadores, seus direitos e o currículo**. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S D.; NASCIMENTO, A.R. (orgs.) Indagações sobre o Currículo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p.17-51.

_____. **Currículo, Território em Disputa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

_____. **PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?** Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003

_____. Ações Coletivas e Conhecimento: Outras Pedagogias? 2009. Disponível em: <www.universidadepopular.org> media > Acoes_Coletivas_e_Conhecimento__30-11-09> Acesso em: 10 mai 2019.

AZEVEDO E FARIA, Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade do Rio de Janeiro. PROJETAR, Natal, setembro/outubro. 2015

BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão. Educação do Campo em Movimento: dos Planos de à Ação Pedagógica em Escolas Multisseriadas e Anos Iniciais de São Mateus e Jaguaré – ES. Dissertação de Mestrado. UFES. 2016.

BUELONI, Helemare do Amaral Motta. Trilhas do brincar: jogos, brinquedos e brincadeiras no cotidiano da infância no campo. Dissertação de Mestrado. UFES. 2019.

BRASIL. Lei nº9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Brasília: DF: 1996.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Resolução CNE/CEB Nº 1. Brasília: 2002.

_____. MEC. **Plano Nacional de Educação**. Brasília – DF. Congresso Nacional 1998.

_____. Decreto Nº 7.612, de 17 de novembro de 2011, que institui o **Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência** – Plano Viver sem Limite. Brasília, 2011.

_____. Resolução de Diretoria Colegiada - RDC Nº 275, de 21 de outubro de 2002/ANVISA Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_275_2002_COMP.pdf/fce9dac0-ae57-4de2-8cf9-e286a383f254> Acesso em: 18 jul. 2019.

_____. Resolução - RDC nº 216, de 15 de Setembro de 2004. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33916/388704/RESOLU%25C3%2587%25C3%2583O-RDC%2BN%2B216%2BDE%2B15%2BDE%2BSETEMBRO%2BDE%2B2004.pdf/23701496-925d-4d4d-99aa-9d479b316c4b>> Acesso em: 18 jul. 2019.

BOGO, Ademar. **O Vigor da Mística MST**. São Paulo. 2000 p.39

BRITO, Regina Lucia Giffoni Luz de: Reorganização Curricular: Gestão, Cultura e Clima da Escola. PUC-SP. 2008.

CALDART, Roseli S. **Elementos para a construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo**. In MOLINA, Mônica C.; JESUS, Sonia M. S. A. de (Orgs) Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Coleção por uma Educação do Campo, nº- 5 Brasília: Articulação Por uma Educação do Campo, 2004.

_____. Educação:.. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

CARVALHO, Telma Cristina Pichioli: Arquitetura escolar inclusiva: Construindo espaços para a educação infantil. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Escola de Engenharia de São Carlos. 2008.

CERTEAU. Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. 11. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO MATEUS. **Análise e parecer sobre implantação da disciplina de agricultura nas escolas do campo de São Mateus/ES**. Parecer nº 003/2011, de 04/11/2011.

DÓREA, C. R. D. *A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 161-181, jul./set. 2013. Editora UFPR. 162. Disponível em: <revistas.ufpr.br/educar/article/view/33299> Acesso em: 04 mai. 2019.

DUARTE, Clarice Seixas. A Constitucionalidade do Direito à Educação dos Povos do Campo. In:_____. (Org). Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação /Bernardo Mançano Fernandes ... [et al.] ; organizadora, Clarice Aparecida dos Santos. -- Brasília : Incra ; MDA, 2008.

ECKE, Myriam Kely ATIVIDADES E BRINCADEIRAS PREFERIDAS DURANTE O RECREIO ESCOLAR E TEMPO DE LAZER: um estudo comparativo entre escolas da rede pública e particular. Cinergis – Vol 11, n. 1, p. 69-76 Jan/Jun, 2010.

Enera reúne mais de 1500 educadoras e educadores do campo em Goiás. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/09/21/abertura-2-enenra-construimos-a-ideia-de-que-a-libertacao-depender-do-povo-controlar-em-primeiro-lugar-o-conhecimento.html>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

FARIA, A.L.G. A Contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a Construção de uma Pedagogia da Educação Infantil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.20, n. 69, p. 61-91, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n69/a04v2069.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

FRAGO. Viñao Antonio e ESCOLANO. Augustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Souza. Paulo Freire na formação de educadores: contribuições para o desenvolvimento de práticas crítico-reflexiva. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 55-69, jul./set. 2016

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.

LOCATELLI, Andrea Brandão: Espaços e Tempos de Grupos Escolares capixabas. UFES. 2012.

_____.:Espaços e Tempos de Grupos Escolares Capixabas na cena Republicana do início do Século XX: Arquitetura, Memórias e Histórias. Tese de Doutorado. UFES. 2012.

MELO, Larissa Gomes. ARQUITETURA ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM, Monografia. São Gonçalo. 2012.

MORILA, Ailton Pereira e BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão. **Auto-organização no contexto da educação do campo**. Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino, n. 2, mai. 2016.

PIZETTA, Adelar João. Formação e Práxis dos Professores de Escolas de Assentamentos: A experiência do MST no Espírito Santo. Tese de Doutorado. UFES. 1999.

RIBEIRO, Marilene. **Educação Rural**. In_____ (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, p. 293, 2012.

RIBEIRO, Solange Lucas. **Espaço Escolar:Um Elemento In(visível) no currículo.** Feira de Santana, n.31, p.103 – 108, jul./dez. 2004.

SANTOS, Marilene. **Educação do Campo no Plano Nacional de Educação: tensões entre a garantia e a negação do direito à educação.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.26, n. 98, p. 185-212, jan./mar. 2018.

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização: **CADERNOS SECAD 2 - Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas**, Brasília, Março 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS – ES. **PLAFEC. Plano de Fortalecimento da Educação do Campo.** São Mateus. ES, 2012/2013.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS – ES. **Regimento Comum das Escolas da Rede Municipal de Ensino.** São Mateus. ES, 2011.

VALADARES, M.T.R e Macrocentro Vozes do Campo. **Sinfonia de Desejos e de Possibilidades: Documento base para elaboração de Projeto Político pedagógico das Escolas do campo.** Gráfica Aquarius, Vitória/ES. 2016.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire e a Educação.** Editora Autêntica, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE I - MATRIZ DE ANÁLISE

Esta Matriz de análise destaca e/ou informa os itens que contem na EPM “Nova Vista”, as observações realizadas no período da pesquisa, será descrito todos os espaços internos e externos da escola, bem como mobília, material pedagógico, entre outros.

EPM “Nova Vista”

Escola Pluridocente da Rede Municipal de Ensino de São Mateus/ES

Localização: Rodovia São Mateus X Boa Esperança

Ato de Criação: 12/05/1992

Decreto nº 843/92

Número de alunos: 70 alunos

Diretora: Rosimeri Maria de Freitas

Pedagoga: Josiane da Silva Simonetti

O prédio da EPM “Nova Vista”, foi construído em alvenaria, com cobertura de telhas coloniais, sendo dividido em: duas salas de aproximadamente 6m X 9m, utilizadas para aulas, e outra sala na mesma metragem dividida para o atendimento de secretaria, planejamentos e equipe pedagógica, uma sala usada como cozinha de aproximadamente 6m X 6m, um refeitório de aproximadamente 6m X 8m e um estoque de gêneros alimentícios de aproximadamente 3m X 5m e um espaço de acesso às salas de aula e cozinha, onde é realizada a mística, e outros eventos comemorativos, além de dar acesso ao banheiro que fica na área externa do prédio. Estes espaços estão ilustrados nas imagens que seguem.

As salas de aula são compostas com os seguintes mobiliários e equipamentos: conjuntos de cadeiras e mesas, inerentes ao número de alunos, 01 quadro branco, 01 armário aberto com livros de literatura Infanto-juvenil e livros didáticos, 01 armário de aço duas portas para guardar materiais de uso dos alunos, pasta da realidade, entre outros, 01 ventilador de parede.



No período matutino uma das salas é usada com os alunos do 3º ano, no período vespertino com os alunos da educação infantil, (4 e 5 anos). A outra, no período matutino com os alunos do 4º e 5º ano e no período vespertino com os alunos do 1º e 2º ano.

A imagem a seguir retrata a sala utilizada para o serviço de secretaria, planejamento e equipe de gestão.



Nesta sala existem 8 mesas, 10 cadeiras, 01 televisão, 01 armário para uso administrativo e pedagógico (livro de ponto, livro ata, entre outros), 01 armário de aço duas portas para guardar materiais pedagógicos, 01 armário aberto para

guardar os materiais confeccionados pelos professores com materiais reciclados e 01 ventilador.

Na cozinha existem de equipamentos 01 geladeira e 01 fogão industrial de 04 bocas com chama dupla, contendo 01 forno acoplado, além dos mobiliários sendo estes: 01 jogo de mesa com 04 cadeiras, 03 armários para guardar utensílios, 02 pias e 01 filtro de barro.

Espaço utilizado para armazenamento de alimentos e utensílios de cozinha. Possui prateleiras confeccionadas em alvenaria, revestidas de cerâmica.



Cozinha



Estoque dos gêneros alimentícios



Refeitório



holl de entrada

Holl de entrada representa o espaço de acesso as salas de aula e cozinha, onde é realizada a mística, e realizado outros eventos comemorativos, além de dar acesso ao banheiro.



Banheiros

Banheiros um cômodo separado do prédio dividido em dois espaços, sendo um vaso sanitário, uma pia, uma torneira em cada um dos espaços. Possui ainda a caixa d'água instalada sobre a Laje.



Alunos brincando na hora do recreio



Alunos na aula de agricultura

Espaço aberto com terra arenosa, utilizado para as aulas de Educação Física, Agricultura e brincadeiras na hora do recreio entre outras atividades.

APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO

Diretora:

1. Como você ensina na escola. (Pensar na proposta pedagógica da escola, nos planejamentos e projetos)
2. Quais as possibilidades que o espaço da escola traz para o ensino?

Pedagoga:

1. Como você ensina na escola. (Pensar na proposta pedagógica da escola, nos planejamentos e projetos)
2. Quais as possibilidades que o espaço da escola traz para o ensino.

Alunos/as:

1. Como você aprende nos espaços da escola?

2. Crie um desenho de como você aprende na sua escola.

A large empty rectangular box with a thin black border, intended for a student to draw their learning environment in their school.

ANEXOS

ANEXO A - DECRETO Nº 7.612, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011

CÂMARA DOS DEPUTADOS
Centro de Documentação e Informação

DECRETO Nº 7.612, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011

Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituído o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite, com a finalidade de promover, por meio da integração e articulação de políticas, programas e ações, o exercício pleno e equitativo dos direitos das pessoas com deficiência, nos termos da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, aprovados por meio do Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008, com status de emenda constitucional, e promulgados pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009.

Parágrafo único. O Plano Viver sem Limite será executado pela União em colaboração com Estados, Distrito Federal, Municípios, e com a sociedade.

Art. 2º São consideradas pessoas com deficiência aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Art. 3º São diretrizes do Plano Viver sem Limite:

- I - garantia de um sistema educacional inclusivo;
- II - garantia de que os equipamentos públicos de educação sejam acessíveis para as pessoas com deficiência, inclusive por meio de transporte adequado;
- III - ampliação da participação das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, mediante sua capacitação e qualificação profissional;
- IV - ampliação do acesso das pessoas com deficiência às políticas de assistência social e de combate à extrema pobreza;
- V - prevenção das causas de deficiência;
- VI - ampliação e qualificação da rede de atenção à saúde da pessoa com deficiência, em especial os serviços de habilitação e reabilitação;

VII - ampliação do acesso das pessoas com deficiência à habitação adaptável e com recursos de acessibilidade; e

VIII - promoção do acesso, do desenvolvimento e da inovação em tecnologia assistiva.

Art. 4º São eixos de atuação do Plano Viver sem Limite:

I - acesso à educação;

II - atenção à saúde;

III - inclusão social; e

IV - acessibilidade.

Parágrafo único. As políticas, programas e ações integrantes do Plano Viver sem Limite e suas respectivas metas serão definidos pelo Comitê Gestor de que trata o art. 5º.

Arts. 5º a 7º. [\(Declarados revogados pelo Decreto nº 9.784, de 7/5/2019, em vigor em 28/6/2019\)](#)

Art. 8º Os órgãos envolvidos na implementação do Plano deverão assegurar a disponibilização, em sistema específico, de informações sobre as políticas, programas e ações a serem implementados, suas respectivas dotações orçamentárias e os resultados da execução no âmbito de suas áreas de atuação.

Art. 9º A vinculação do Município, Estado ou Distrito Federal ao Plano Viver sem Limite ocorrerá por meio de termo de adesão voluntária, com objeto conforme às diretrizes estabelecidas neste Decreto.

§ 1º A adesão voluntária do ente federado ao Plano Viver sem Limite implica a responsabilidade de priorizar medidas visando à promoção do exercício pleno dos direitos das pessoas com deficiência, a partir dos eixos de atuação previstos neste Decreto.

§ 2º Poderão ser instituídas instâncias locais de acompanhamento da execução do Plano nos âmbitos estadual e municipal.

Art. 10. Para a execução do Plano Viver sem Limite poderão ser firmados convênios, acordos de cooperação, ajustes ou instrumentos congêneres, com órgãos e entidades da administração pública federal, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, com consórcios públicos ou com entidades privadas.

Art. 11. O Plano Viver sem Limite será custeado por:

I - dotações orçamentárias da União consignadas anualmente nos orçamentos dos órgãos e entidades envolvidos na implementação do Plano, observados os limites de movimentação, de empenho e de pagamento fixados anualmente;

II - recursos oriundos dos órgãos participantes do Plano Viver sem Limite que não estejam consignados nos Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social da União; e

III - outras fontes de recursos destinadas por Estados, Distrito Federal, Municípios, ou outras entidades públicas e privadas.

Art. 12. Fica instituído o Comitê Interministerial de Tecnologia Assistiva, com a finalidade de formular, articular e implementar políticas, programas e ações para o fomento ao acesso, desenvolvimento e inovação em tecnologia assistiva.

§ 1º O Comitê Interministerial de Tecnologia Assistiva será composto por representantes, titular e suplente, dos seguintes órgãos:

- I - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, que o coordenará;
- II - Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República;
- III - Ministério da Fazenda;
- IV - Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão;
- V - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior;
- VI - Ministério da Educação; e
- VII - Ministério da Saúde.

§ 2º Ato do Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação estabelecerá regras complementares necessárias ao funcionamento do Comitê Interministerial de Tecnologia Assistiva.

§ 3º Poderão ser convidados para as reuniões do Comitê Interministerial de Tecnologia Assistiva representantes de outros órgãos e entidades da administração pública federal.

Art. 13. Os termos de adesão ao Compromisso pela Inclusão das Pessoas com Deficiência firmados sob a vigência do Decreto nº 6.215, de 26 de setembro de 2007, permanecerão válidos e poderão ser aditados para adequação às diretrizes e eixos de atuação do Plano Viver sem Limite.

Art. 14. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 15. Fica revogado o Decreto nº 6.215, de 26 de setembro de 2007.

Brasília, 17 de novembro de 2011; 190º da Independência e 123º da República.

DILMA ROUSSEFF
Fernando Haddad
Alexandre Rocha Santos Padilha
Tereza Campello
Aloizio Mercadante
Gleisi Hoffmann
Maria do Rosário Nunes

**ANEXO B – TRECHOS DO PLANO DE FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA
AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA E INTEGRADA**

EDUCAÇÃO DO CAMPO

PLAFEC

**PLANO DE FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
“UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA E INTEGRADA.”**



**SÃO MATEUS – ES
2012/2013**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1 PLAFEC - PLANO DE FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: "UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA E INTEGRADA."	10
1.1 PROTAGONISMO DOS PARCEIROS: PRINCÍPIO BÁSICO DO PROJETO	11
1.2 PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS	12
1.3 PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS	13
1.3.1 CONVIVER: CONHECIMENTO PAUTADO NA REALIDADE VIVENCIADA	13
1.3.2 CONHECER: SABER, SER E ANALISAR OS DADOS DA REALIDADE	14
1.3.3 TRANSFORMAR: INTERVIR NA REALIDADE DE MANEIRA REFLEXIVA A PARTIR DOS NOVOS CONHECIMENTOS PRODUZIDOS NA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA	14
2 DINÂMICA DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	16
3 DINÂMICA METODOLÓGICA DO PLANO DE ENSINO	17
3.1 TEMAS GERADORES	19
3.1.1 ESCOLHA DOS TEMAS GERADORES E DOS TEMAS DOS PLANOS DE ESTUDO	20
3.1.2 OBJETIVOS DOS TEMAS GERADORES (TG's)	21
3.2 PLANO DE ESTUDO (P.E.): FIO CONDUTOR DA APRENDIZAGEM	21
3.3 INTEGRAÇÃO DAS ÁREAS DO CONHECIMENTO	23
3.4 CONTEÚDOS VIVENCIAIS	25
3.4.1 CADERNO DE ACOMPANHAMENTO	26
3.4.2 VISITA DE ESTUDO	26
3.4.3 PALESTRAS	26
3.4.4 OFICINAS	27
3.4.5 ATIVIDADE DE RETORNO	27
3.4.6 CADERNO DA REALIDADE (CR)	28
4 PASSOS METODOLÓGICOS	29
5 ESTRUTURA DO PLANO DE ENSINO	36
5.1 O PAPEL DAS ÁREAS NO DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA	41
6 AUTO-ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDANTES NO AMBIENTE ESCOLAR	43
7 PLANO DE FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS	48
7.1 ORIENTAÇÃO PRÁTICA	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	55
CURRÍCULO DAS ESCOLAS DO CAMPO	
AGRICULTURA	
ARTE	
CIÊNCIAS	
EDUCAÇÃO FÍSICA	
GEOGRAFIA	
LÍNGUA PORTUGUESA	
MATEMÁTICA	
HISTÓRIA	

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a reflexão sobre os novos desafios educacionais postos aos grupos sociais (comunidades indígenas, trabalhadores rurais, mulheres e população negra, entre outros) que são historicamente relegados do direito à educação, estabelece a necessidade de mudanças profundas no sistema educativo brasileiro. Mudanças que demandam políticas com o propósito, entre outros, de ampliar os caminhos para que estes segmentos da sociedade possam tecer seus espaços de representatividade e ampliar suas áreas de ação através da valorização e do reconhecimento de suas identidades, particularidades culturais e convivências interculturais.

Esses segmentos lutam pelo direito de reconhecimento e a partir da Constituição de 1988, vem reivindicando o direito a uma educação escolar diferenciada, específica e de qualidade, que responda a seus interesses e praticada nos espaços de origem.

Nesses coletivos, suas peculiaridades étnicas e culturais multifacetadas, são tecidas, por múltiplos fatores da história que recriam e legitimam cotidianamente saberes e fazeres, seja na oralidade, nos exercícios de ludicidade, nas memórias, nas relações geracionais, na musicalidade, em momentos relacionais com a terra, no registro escrito e em suas utopias. Entende-se que uma educação pautada nestes preceitos, terá que dialogar com a realidade dos estudantes, suas famílias, suas comunidades de origem e com as atividades nelas desenvolvidas.

RURAL VERSUS CAMPO

Para melhor compreensão do conceito rural e campo é preciso considerar que a expressão educação rural está relacionada à concepção positivista, mercadológica, competitiva, capitalista na qual a política de educação direciona o indivíduo para a formação pragmática, para desenvolver atividades no mercado de trabalho. Transforma a força de trabalho humana em objeto, coisa, mercadoria, num processo de desumanização do sujeito.

4

A expressão educação rural foi empregada na época do Governo Vargas para distinguir os espaços urbanos e rurais e definir políticas públicas de ação para estes espaços geográficos, já compreendidos na época, como diferentes, no entanto, as práticas educativas implementadas seguiram apenas o paradigma urbano. O rural representava o espaço das políticas compensatórias e paliativas, o lugar onde projetos econômicos e políticos da cultura capitalista se instauravam demarcando o território do agronegócio, das empresas exploradoras. Nessas circunstâncias, a relação homem-natureza se caracteriza como exploratória, predatória, concentradora de bens: o lugar do latifúndio, da escravidão, da exclusão social e da expropriação de uns em detrimento de outros. Nesse contexto, várias políticas educacionais foram desenvolvidas e a principal característica era adoção de práticas pedagógicas alheias à realidade do meio.

Nesse sentido, o conceito educação do campo, relaciona-se a uma postura político-pedagógica crítica, dialética, dialógica, postulando uma formação técnica e política de sujeitos politicamente conscientes, com uma visão humanizadora, que valoriza o sujeito através de sua identidade cultural e

compreende o trabalho como algo que o dignifica enquanto sujeito histórico e não enquanto objeto ou mercadoria.

FASES HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Com base nestes pressupostos, a gênese da expressão demanda da ação dos movimentos organizados, na construção de políticas públicas educacionais para o campo. O termo campo nasce dessa configuração repercutindo acirradamente após o primeiro Encontro Nacional de Educadores (as) da Reforma Agrária (ENERA), realizado em 1997, promovido pelo MST, UNB, UNESCO, UNICEF e CNBB. O encontro tinha como finalidade ampliar o debate sobre a educação do meio rural.

Um ano depois, aconteceu a **1ª Conferência Nacional de Educação do Campo** e em decorrência deste evento criou-se o movimento por uma Educação Básica do Campo, envolvendo grupos organizados, pesquisadores, e alguns governos do país, numa articulação buscando o melhoramento do ensino das séries iniciais do ensino fundamental. A partir de então, Educação do Campo e não mais educação rural ou educação para o meio rural, surgindo uma proposta de construção da educação dos trabalhadores do campo, em cuja gestação se

5

considera o ponto de vista dos camponeses, bem como a trajetória de lutas de suas organizações.

Em 2004, com a **2ª Conferência Nacional de Educação do Campo** e a ampliação dos grupos organizados, as proposições definiram o movimento de Educação do Campo, não mais pensando apenas na busca da garantia das primeiras séries do ensino fundamental, mas, na luta para inserir os filhos dos trabalhadores do campo, em todas as etapas da Educação Básica e Superior.

Este movimento tem fomentado estudo e debate em torno da construção de outra proposta de educação para a escola do campo, mas não qualquer escola: busca-se uma escola para as lutas e necessidades das populações do campo, fundamentada na realidade camponesa.

MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Em termos legais, o Brasil conta com significativos dispositivos legais, que podem fundamentar a implementação de políticas públicas diferenciadas de Educação do Campo.

sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (RESOLUÇÃO CNE/CEB 1/2002 - DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DAS ESCOLAS DO CAMPO).

No Estado do Espírito Santo encontram-se importantes dispositivos legais que remetem a lutas coletivas pela construção de uma Educação do Campo diferenciada, tais como:

- Portaria E nº 1744-1982 de 22/04/1982 – criação do Centro Estadual Integrado de Educação Rural de Boa Esperança, Portaria E nº 1854-1983 de 05/01/1983 - criação do CEIER Vila Pavão e Portaria E nº 2001/1984 de 03/05/1984 – criação do CEIER Águia Branca;
- Resolução CEE/ES 1.286/2006 de 29/05/2006, que fixa normas para a Educação no Sistema Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo.

Os debates promovidos a Nível Nacional chegam ao Município de São Mateus em 2004, com o I Fórum de Educação do Campo.

Destacamos os seguintes instrumentos legais que servem de base para a construção de um projeto diferenciado de Educação do Campo:

- Constituição Federal de 1988;
- Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996;
- Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002.
- Decreto Presidencial nº 7352, de 04 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política da Educação do Campo.

A aprovação das **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo** representa um ponto de partida na construção de um Brasil que possui uma identidade no campo e a sua identidade cultural. É uma mostra desse triunfo está no Parágrafo Único do Artigo 2º:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na

6

A partir dos anos de 2008 e 2009 as comunidades organizadas das regiões de Córrego Seco e Zumbi dos Palmares iniciaram uma reflexão da necessidade de uma educação própria e apropriada para a vida do campo.

Somente no ano de 2010 esse anseio foi colocado em prática com a parceria comunidade e poder público, sendo implantadas duas escolas em regime de alternância nessas regiões. No sentido de fortalecer a Educação do Campo no Município, as organizações sociais, entidades civis e órgãos públicos se mobilizaram e criaram o Comitê Municipal da Educação do Campo.

Continuando o processo de fortalecimento da Educação do Campo no Município, a Secretaria de Educação de São Mateus encaminhou para o Conselho Municipal de Educação uma proposta que implementa a disciplina de agricultura nas escolas municipais de Educação Infantil e Ensino fundamental do campo, para avaliação e parecer, tendo o seguinte análise:

[...] Nesse sentido, o Projeto de Educação do Campo: Integrando as Áreas do Conhecimento, apresentado pela Secretaria Municipal de Educação de São Mateus, reconhece que o modo de vida social e de utilização do espaço campo, em sua diversidade, é fundamental para a constituição da identidade da população camponesa e de sua inserção cidadã na definição dos rumos da sociedade. Assim, traz proposta que pretende contribuir com a longa caminhada posta à Educação do Campo nas escolas da rede municipal até que a comunidade escolar do campo seja satisfatoriamente atendida conforme orientam as Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo. (PARECER CME Nº 003/2011, APROVADO EM 04/11/2011).

Outra conquista para as escolas do campo foi garantido no Regimento Comum das Escolas da Rede Municipal de Ensino:

SEÇÃO V DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Art. 19. Caracterizam-se como escolas do campo aquelas situadas em área rural, que atende aos agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados, quilombolas, trabalhadores assalariados rurais e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Art. 20. A educação escolar do campo será desenvolvida de acordo com os princípios e normativas das diretrizes operacionais para a educação básica nas unidades escolares do campo. I - as escolas do campo terão regimento, calendário e Proposta Pedagógica própria e apropriada, contemplando a participação comunitária das famílias, currículo contextualizado, organização do

funcionamento do cotidiano tendo como base os princípios da solidariedade e da ajuda mútua;

II - o ambiente educativo das escolas do campo compreende todos os espaços internos e externos da área de abrangência da escola;

III - o espaço escolar interno e externo conterá a identidade da escola do campo e sua organização respeitará o estilo de vida, a cultura, as tradições e as atividades econômicas da população atendida;

IV - o regimento interno da educação do campo garantirá a participação comunitária das famílias e dos movimentos sociais no controle social da sua qualidade;

V - o regimento comum próprio da educação do campo contemplará a participação conjugada entre a organização da comunidade escolar, o setor de Secretaria Municipal de Educação e o Comitê Municipal de Educação do Campo;

VI - a formação dos educadores, gestores e profissionais da educação do campo deve atender as necessidades de funcionamento das escolas;

VII - a organização curricular deve garantir a integração das áreas de conhecimento. (REGIMENTO COMUM DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO, 2011).

8

1. PLAFEC - PLANO DE FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: "UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA E INTEGRADA".

MOTIVAÇÃO:

HISTÓRICO E DEBATE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DENTRO DOS MACROCENTROS

Durante o ano de 2010 a SECADI – Secretaria de Educação Continuada Alfabetização, Diversidade e Inclusão ofereceu formação para os Coordenadores do Programa Escola Ativa com intuito de melhorar a qualidade do desempenho escolar em classes multisseriadas das escolas do campo e fortalecer o desenvolvimento de propostas pedagógicas e metodologias adequadas às classes multisseriadas. No ano de 2011, para dar continuidade às atividades do Programa, a SECADI dividiu o Estado em Macrocentros, onde cada Macrocentro, composto por mais ou menos 12 a 16 municípios, deveria desenvolver ações que contribuíssem com a melhoria e fortalecimento das escolas do campo.

No primeiro encontro foi feito um balanço de como estava funcionando nossas escolas. Cada município apresentou uma síntese das escolas e rendimento dos alunos. Depois de várias discussões, chegamos à conclusão que o plano de ensino seguido pelos professores não é adequado às escolas do campo. Daí sentimos necessidade de garantir um método ou instrumento que possibilitasse de forma sintetizada a contextualização do ensino nas escolas multisseriadas. Após esta conclusão, foram formulados uns questionamentos para serem respondidos pelos professores, dentro da realidade de cada um. No próximo Macrocentro, analisando as respostas dos professores, resolvemos elaborar um Plano de Ensino para as escolas multisseriadas. Após esta decisão e muita reflexão, decidimos contratar um assessor para que nos orientasse nesta construção porque chegamos à conclusão de que seria interessante elaborar o Plano de Estudo em cima de Tema Gerador.

Os coordenadores levaram para seus municípios um diagnóstico para ser trabalhado nos Microcentros, junto com as famílias de cada localidade, que deveria ser levado para apreciação no Macrocentro para que pudéssemos, a partir destes diagnósticos, retirar os Temas Geradores.

9

Desta forma, demos início à construção do Plano de Ensino. Cada município levou dois professores para reelaboração dos conteúdos, que foram divididos por área de conhecimento. Já avançamos bem os nossos trabalhos e daremos continuidade este ano de 2012, com data prevista para encerrar em julho do corrente ano.



1.1 PROTAGONISMO DOS PARCEIROS: PRINCÍPIO BÁSICO DO PROJETO

O protagonismo do sujeito como princípio básico da formação integral acontece diretamente na ação dos três parceiros internos (família, estudante e educador (a)).

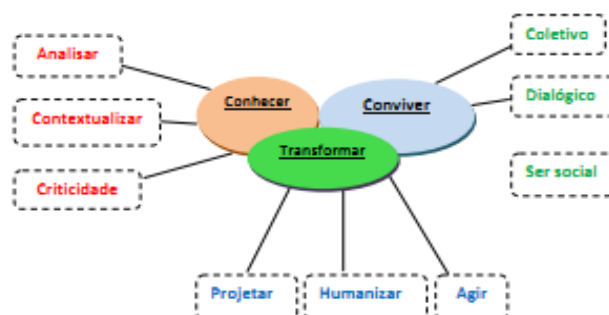
As famílias participam da ação político-administrativa e gerencial da Escola através da Associação Escola Comunidade - AEC e no acompanhamento pedagógico de seus filhos. Os estudantes, na execução das atividades pedagógicas e de auto-organização nos Períodos Escolares e nas Estádias Letivas organizadas coletivamente em atividades grupais e individuais e os Educadores (as) através do trabalho em equipe nas orientações metodológicas das atividades, tanto como orientadores das famílias como dos estudantes. A atitude protagonista dos parceiros dentro das suas atribuições acontece tanto nas ações individuais quanto grupais e coletivas sem perder de vista as diferenças e funções pessoais. O protagonismo é chave para o desenvolvimento da pessoa humana, entendido no sentido do **SER**. O sujeito promocial busca desenvolver continuamente as potencialidades humanas em todas as dimensões em vista do homem social, portanto, não existe promoção individual, o homem se promove junto com os outros.

1.2 PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS

10

- Desenvolver o protagonismo dos estudantes nos processos formativos;
- Despertar o desenvolvimento de um campo solidário e sustentável;
- Estimular a auto-organização dos estudantes e educadores (as) e demais profissionais inseridos no processo educativo;
- Estruturar uma gestão participativa com os profissionais da educação com as lideranças comunitárias;
- Utilizar a pesquisa como princípio educativo na formação dos estudantes;
- Adequar às estruturas administrativas e pedagógicas considerando a realidade das escolas do campo: calendário escolar, organização curricular, proposta pedagógica específica e formação dos educadores (as) e comunidade.

1.3 PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS



1.3.1 CONVIVER: CONHECIMENTO PAUTADO NA REALIDADE VIVENCIADA¹.

O ser humano se constrói na relação com os outros seres humanos. Essa relação é de dependência com o outro, com o passado, presente e o compromisso com o futuro. É impossível

¹ Imagem: Livro EDUCAÇÃO DO CAMPO: Caminho Novo com a Pedagogia da Alternância. São Mateus - ES.

pensar qualquer ser humano descomprometido com as ideias que tecem o seu universo.

A outra ideia de educação é a dialógica, onde se refletem juntos, coletivamente. Trata-se, pois de fazer sempre uma discussão coletiva, onde o papel do educador (a) é animar e estimular a participação. O diálogo exige certa disciplina, a de escutar, de falar e a de centrar o debate em torno de um problema definido.

1.3.2 CONHECER: SABER, SER E ANALISAR OS DADOS DA REALIDADE².

Partindo da convicção de que quem faz é que sabe, e quem pensa sobre o que faz, faz melhor, esse método caracteriza a educação transformadora em vários sentidos:

- O modo de aprender é fazendo e debatendo;
- O fluxo de conhecimento é no sentido de desenvolver o espírito de liderança democrática;
- O local de ensino é a vida.



² Imagem: Livro EDUCAÇÃO DO CAMPO: Caminho Novo com a Pedagogia da Alternância. São Mateus - ES.

1.3.3 TRANSFORMAR³: INTERVIR NA REALIDADE DE MANEIRA REFLEXIVA A PARTIR DOS NOVOS CONHECIMENTOS PRODUZIDOS NA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA.

Na medida em que o ser humano age na realidade conscientemente modificando-a, se humaniza humanizando seu meio.



³ Ibidem.

CURRÍCULO DAS ESCOLAS DO CAMPO



AGRICULTURA E ZOOTECNIA			
TEMA GERADOR: A Família (1º Trimestre)			
TEMAS DE PLANO DE ESTUDOS: 1º ano: A minha família, 2º ano: A história da minha família, 3º ano: A nossa moradia, 4º ano: A minha comunidade, 5º ano: A cultura camponesa.			
OBJETIVOS: Problematicar comportamentos de manejos agropecuários não favoráveis a vida no campo e pensar alternativas saudáveis.			
TEMA DE ESTUDO	ENFOQUE E CONTEÚDOS	METODOLOGIA	AValiação
<i>Ampliando aquilo que já sei</i>	MOTIVAÇÃO: A diversidade de animais e cultura é resultado do processo evolutivo do cultivo de plantas e da domesticação de animais. 1º ao 5º ano Conceito de zootecnia e agricultura.	1º ao 5º ano Roda de conversa - Conhecimento prévio sobre zootecnia e agricultura. Pesquisa em materiais diversos: dicionário, revistas específicas do campo; jornais e outros sobre o assunto. - Visita a uma família para observação dos animais domésticos. 1º ao 3º ano - Apresentação do dicionário para o 1º e 2º ano, (trabalhar a sequência do alfabeto com o 1º ano) - Pesquisar palavras relacionadas a zootecnia e agricultura para o 2º e 3º ano. 4º ao 5º ano Construir o seu próprio conceito a partir das informações. Após colocação em comum fazer cartaz com o conceito já	OBJETIVO Apropriar o vocabulário que fará parte de sua vivência. CONTEÚDO Conceito de zootecnia e agricultura METODOLOGIA Conceituar a zootecnia de forma oral ou escrita dentro dos princípios científicos.

50

<i>Os animais domésticos fazem parte da vida no campo.</i>	MOTIVAÇÃO A importância da domesticação para o homem do campo. 1º ao 3º ano - Animais domésticos da família; - A importância da domesticação para sobrevivência e lazer. - A importância da domesticação para sobrevivência o trabalho, lazer e comercialização 4º ao 5º ano - A importância da domesticação para sobrevivência o trabalho, lazer e comercialização e industrialização)	melhorado.	OBJETIVO - Reconhecer a importância da criação de animais como fonte de alimentação, trabalho e lazer para o sujeito do campo. CONTEÚDO - Os tipos de animais domésticos existentes e a sua relação com a vida do campo METODOLOGIA - Importância da domesticação de animais para a vida do campo em relatos de sua realidade tanto oral ou escrito. - Registro no portfólio dos conhecimentos prévios antes do estudo do assunto e registro ao final para possível comparação. - Representações das informações Através de desenhos ou outras formas de registro. Oferecer tabela para as seguintes informações: Animais que possui; cuidados; o que eles oferecem; de que forma aproveitam o que lhes oferecem.
		1º ao 5º ano Exposição de fotos ou desenhos dos animais de estimação - Em círculo cada um falar sobre o seu animal 1º ao 3º ano - Ilustração e nomeação do seu animal de estimação; trabalho com os nomes. - Descrever ou ilustrar as instalações onde moram os animais domésticos justificando a sua importância. - Construir quadro com animais que possuem e os alimentos que a família produz, troca, compra para o sustento dos mesmos. 4º ao 5º ano - Construir quadro com animais que possuem e os alimentos que a família produz, troca, compra para o sustento dos mesmos, industrialização e comercialização	

AGRICULTURA E ZOOTECNIA			
TEMA GERADOR: A terra (2º trimestre)			
TEMAS DE PLANO DE ESTUDOS: 1º ano: A terra onde moro, 2º ano: Atividades do campo, 3º ano: As fontes de água na comunidade, 4º ano: O cuidado com a terra, 5º ano: Distribuição das terras na comunidade			
OBJETIVOS: Despertar o carinho pela terra e o que há nela.			
TEMA DE ESTUDO	ENFOQUE E CONTEÚDOS	METODOLOGIA	AValiação
Onde existe alimento há vida.	MOTIVAÇÃO Quando diversificamos o cultivo, sustentamos a vida. 1º ao 5º ano - Os tipos de agricultura:camponesa x agronegócio - A importância da agricultura camponesa para a humanidade.	1º ao 5º ano - Visita de campo para observação das características da agricultura camponesa e agronegócio. - Registrar semelhanças e diferenças da agricultura camponesa e do agronegócio. - Organizar um quadro demonstrativo para fazer a comparação. 1º ao 3º ano - Após a visita de campo expressar sua opinião sobre onde há mais vida por meio de desenho. 4º ao 5º ano -Após a comparação, construção do conceito de agricultura camponesa. -Estudo direcionado sobre Agricultura camponesa x agronegócio (Leituras de materiais diversos preparado previamente pelo professor e exposição das informações feita pelos alunos).	OBJETIVO Compreender a importância da agricultura camponesa para a vida. CONTEÚDO Vantagens e desvantagens da agricultura camponesa x agronegócio. METODOLOGIA Expressar, por meio de desenhos, textos o melhor tipo de agricultura para a vida.

52

<i>Alimentação saudável, animais saudáveis.</i>	<u>MOTIVAÇÃO</u> - A alimentação é a base de uma criação sadia. <u>1º ao 5º ano</u> - Alimentação das criações.	<u>1º ao 5º ano</u> - Cada aluno levar um alimento utilizado na alimentação das criações: Quem plantou? Onde? Como? Há quanto tempo colheu? Onde estava? Qual a quantidade que possui? Etc. <u>1º ao 3º ano</u> - Realizar atividades de colagem de alguns alimentos utilizados na alimentação das criações em cartazes e escrever nome. Expor em cantinho para auxílio a alfabetização. - Organizar um esquema de quadro demonstrando as possibilidades de alimentação para cada animal que possui na comunidade que vive. - Descrever cada animal que existe na comunidade, de que se alimentam e quais as alternativas para sua alimentação. Ex: porco- possui mandioca, mas pode comer resto de alimentos, mamão cozido, soro do leite etc... Galinha- come ração, mas pode comer folhas, mandioca, resto de alimentos etc. <u>4º ao 5º ano</u> - Pesquisa sobre alimentação alternativa para as criações de pequeno, médio porte.	<u>OBJETIVO</u> - Identificar que existem outras fontes alternativas para alimentar as criações. <u>CONTEÚDO</u> - Os diversos tipos de alimentação das criações. <u>METODOLOGIA</u> - Oferecer quadro solicitando algumas informações pertinentes ao assunto: <table border="1" data-bbox="1085 1276 1396 1408"> <thead> <tr> <th>Animal</th> <th>O que come normalmente</th> <th>Alimentação alternativa</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> </tbody> </table>	Animal	O que come normalmente	Alimentação alternativa						
Animal	O que come normalmente	Alimentação alternativa										
<i>"TERRA: a gente cultiva ela e ela cultiva a gente."</i>	<u>MOTIVAÇÃO</u> Cuidar do solo, é cuidar da vida que o habita. <u>1º ao 3º ano</u>	<u>1º ao 5º ano</u> - Cada aluno trazer para a escola mostragem que possibilitam a comparação entre diversos tipos de solo para observações, experimentos e registros.	<u>OBJETIVO</u> - Reconhecer as partes que compõem o solo e compreender a relação do solo com o cultivo									

53

	-Os diversos tipos de solo. 4º ao 5º ano A formação do solo e a composição do solo (os micro e macro organismos)	1º ao 3º ano - Tinturas com os diferentes tipos de solo. Utilizar as tintas em desenhos de espaços conhecidos pelos alunos (entorno da escola, casa da família ou de um amigo) Integração com arte. - Construir com os alunos experiências com os diferentes tipos de solo com registro. - Em grupo colocar em comum os registros exposição do solo e construir com essas informações um relatório. 4º ao 5º ano - Após a exposição disponibilizar materiais para pesquisa sobre a formação e composição do solo.	de alimentos. CONTEÚDOS - Tipos de solo e suas características METODOLOGIA - Trabalho em grupos formados por diferentes anos. - A partir dos conhecimentos adquiridos realizar uma amostra com os tipos de solo e as informações de sua composição.
<i>"Amar o campo ao fazer a plantação. Não envenenar o campo é purificar o pão".</i>	MOTIVAÇÃO - É preciso devolver Ao solo tudo que dele tiramos. 1º ao 3º ano - O papel da matéria orgânica na fertilidade do solo e as técnicas de conservação. 4º ao 5º ano - As técnicas que conservam o solo:Conorciamento, diversificação, rotação de culturas, adubação verde	1º ao 3º ano - Descrição dos elementos utilizados na construção compostagem. 4º ao 5º ano - Oficina: realização de compostagem. - Visita de campo para verificação das técnicas de consorciamento e adubação orgânica. - Desenvolver um trabalho em grupos para que pesquisem sobre cada uma das técnicas de conservação do solo (cada grupo um tipo).	OBJETIVO - Conhecer as diversas formas de cuidar do solo CONTEUDO - As diversas técnicas de conservação METODOLOGIA - Ilustrar as diversas formas de cuidar do solo (1º, 2º e 3º) - Ilustrar e descrever as diversas formas de cuidar do solo (4º e 5º)

54

<i>O importante não é só fazer, mas fazer pensando na vida.</i>	inorgânica. Compostagem. MOTIVAÇÃO Até quando teremos um solo que possibilita a germinação, crescimento e produção de nossos alimentos? 1º ao 3º ano - As ações que degradam o solo: agrotóxicos e queimadas 4º ao 5º ano - As ações que degradam o solo: a mecanização pesada, os agroquímicos, a capina intensiva, queimadas, monocultura e criação de bovinos, etc.	1º ao 5º ano - Levantar figuras para observação das técnicas que degradam o solo. - Construção de um painel com as figuras para expor 1º ao 3º ano - Relato das técnicas que degradam o solo da propriedade onde mora. 4º ao 5º ano - Pesquisa em revistas, livros, internet e outras fontes. e apresentação para o grupo.	OBJETIVO - Compreender que uma simples ação com o solo com o tempo se tornará uma grande obra que pode ser positiva ou negativa para a humanidade. CONTEÚDO - Ações que degradam o solo METODOLOGIA - Observação, ilustração e produção de relatório sobre a ação que cada aluno ou família realiza que degrada o solo
<i>De que adianta ter terra e não cultivá-la para a produção de alimentos</i>	MOTIVAÇÃO O valor da terra não está em sua extensão territorial, mas no que ela produz. 1º ao 3º ano - Aproveitamento da área de terra que possui. - A importância do cultivo da horta, culturas anuais)	1º ao 5º ano - Fazer o calendário de produção (cultura, época de plantio, cuidados diários, época de colheita, armazenamento e outras informações) em pesquisa às práticas das famílias. - Conceituar culturas anuais e perenes. - Explorar a diversidade de sementes que cada família possui (nome, características, formas) Integrando com artes e Alfabetização. - ----- Desenvolver escrita com colagem e construção de	OBJETIVOS - Despertar nos alunos o interesse pelo cultivo e carinho pela terra. CONTEÚDOS - Uso da terra para a produção de alimentos. METODOLOGIA - Realizar cronograma para os cuidados com a horta durante

55

AGRICULTURA E ZOOTECNIA

TEMA GERADOR: A Saúde (3º trimestre)

TEMAS DE PLANO DE ESTUDOS: 1º ano: Higiene do nosso corpo, 2º ano: Nossos alimentos, 3º ano: Os cuidados com o meio em que vivemos, 4º ano: Os cuidados com a nossa saúde. 5º ano: Nossa alimentação.

OBJETIVOS: Refletir com a família sobre a importância da alimentação saudável e a higiene para conservação da saúde.

TEMA DE ESTUDO	ENFOQUE E CONTEÚDOS	METODOLOGIA	AValiação
"Cultivar a terra é plantar a vida das diferentes gerações".	MOTIVAÇÃO <i>"Somos aquilo que comemos"</i> 1º ao 5º ano - Contribuição das criações na alimentação humana. - Abatimento das criações, conservação e armazenamento.	1º ao 5º ano - Levantamento do conhecimento prévio dos alunos por meio de relato oral. Texto: Da utilidade dos animais (FORMAR módulo I). - Visita de estudo em uma pequena propriedade rural (roteiro ou questionário para entrevista). - Pesquisa e confecção de um mural sobre os diversos tipos de carne e sua importância na nutrição humana (integrar com ciências). 1º ao 3º ano - Descrição sobre um dos animais que aparece no texto ou que a família cria. 4º e 5º ano - Elaboração de texto sobre os animais	OBJETIVO - Reconhecer a importância da contribuição das criações na alimentação humana. - Identificar as diversas formas de abatimento das criações. CONTEÚDO - Os animais como fonte de alimento. METODOLOGIA - Registro do conhecimento prévio antes do estudo do assunto e registro ao final para possíveis comparações.

57

Não podemos perder de vista nossas origens e a perpetuação de nossas espécies	4º ao 5º ano - Aproveitamento da área de terra de forma diversificada	cartazes. - Construir com os alunos uma horta que possibilite refletir sua importância; como organizá-la de acordo com o espaço e quais os cuidados diários. 4º ao 5º ano - Pesquisa sobre os tipos de colheitas, conservação e armazenamentos de cada cultura existente na família/ comunidade. - Construção de quadro com as informações gerais sobre plantio das culturas: cultura, época de plantio, cuidados diários, época de colheita, armazenamento e outras informações.	período para observação as relações dos alunos com o cultivo e a terra
	MOTIVAÇÃO <i>Entendendo a importância das sementes crioulas, contribuimos na preservação da vida das plantas.</i> 1º ao 3º ano - Sementes crioulas; 4º ao 5º ano - Conservação das sementes crioulas; Reprodução das plantas (sementes, clone, enxertia, galho, broto, mudas, raízes, folha e outros)	1º ao 5º ano - Organizar um banco de sementes com as que possuem em casa e na comunidade e realizar experiências de plantios com sementes crioulas e transgênicas. 1º ao 3º ano - Confecção de livrinhos com a história da sementinha (escrita e ilustração) - Construir texto conceituando o que é uma semente crioula e uma semente transgênica 4º ao 5º ano - Texto reflexivo sobre a importância da reprodução e preservação das espécies das plantas. - Pesquisa sobre cada forma de reprodução	

56

A partir do equilíbrio preservam os o meio ambiente.	<u>MOTIVAÇÃO</u> O desequilíbrio ambiental é consequência de nossa ação no meio ambiente <u>1º ao 3º ano</u> - Tipos de pragas que atacam a horta familiar. Controle alternativo das pragas da horta. <u>4º ao 5º ano</u> - Tipos de pragas e doenças que atacam as principais culturas da comunidade e região - Alternativas na prevenção e controle de pragas e doenças.	<u>1º ao 5º ano</u> - Levantamento das pragas e doenças que atacam as plantações .(em roda de conversa) - Socialização da pesquisa feita com as famílias. - Estudo de receitas de estratos. - Oficinas de estratos naturais - Pesquisa com as famílias para levantamento dos tipos de pragas e doenças mais comuns nas plantações.	<u>OBJETIVO</u> - Identificar as pragas mais comuns das plantações na propriedade pesquisada. - Conhecer as causas que desencadeiam o ataque de pragas e doenças e como podemos combatê-las. <u>CONTEÚDO</u> - Pragas e doenças das plantações. <u>METODOLOGIA</u> - Construir com os alunos um livro com informações que adquiriu.
Água: fonte de vida.	<u>MOTIVAÇÃO</u> Compreendendo a importância da água como fonte de vida, aprendemos a dar mais valor a esse elemento precioso. <u>1º ao 5º ano</u> - Sistema de irrigação apropriado.	<u>1º ao 5º ano</u> - Levantamento prévio dos tipos de irrigações existentes nas famílias. - Pesquisa para as famílias para verificação da utilização do sistema de irrigação. - Visita a uma propriedade que utiliza algum sistema de irrigação. <u>1º ao 3º ano</u> - Descrição escrita de como a família utiliza a irrigação.	<u>OBJETIVO</u> - Compreender a importância da água como elemento essencial à vida. <u>CONTEÚDO</u> - Sistemas de irrigação <u>METODOLOGIA</u> - Avaliar a produção feita pelos estudantes bem como o

59

<u>GEOGRAFIA</u>			
TEMA GERADOR: A Família (1º trimestre)			
TEMAS DE PLANO DE ESTUDOS: 1º ano: A minha família, 2º ano: A história da minha família, 3º ano: A nossa moradia, 4º ano: A minha comunidade, 5º ano: A cultura camponesa			
OBJETIVO: Caracterizar os diferentes espaços vividos – sala de aula, escola e família – por meio da localização das pessoas, objetos e deslocamentos, tendo o corpo como referencial de localização no tempo e no espaço.			
TEMAS DE ESTUDO	ENFOQUE	METODOLOGIA	AValiação
<i>Família: nosso espaço de gestação para o mundo.</i> <i>A organização do tempo e do espaço</i>	<u>MOTIVAÇÃO:</u> A partir da família nos projetamos para o mundo <u>CONTEÚDO:</u> <u>1º ao 3º ano</u> - A vida em família: identificação dos membros da família, relações de parentesco, normas e regras familiares. - Nacionalidade	<u>1º ao 5º ano</u> -Palestra sobre importância da vida em família - Produção de relatório da palestra. - Pesquisa sobre o número de membros da família. - Produção de textos - Textos relacionados à família: narração, (A Família Falante,), conto Cachinhos de ouro e os Três Ursos, Livro: O presente de aniversário de Silvia Pestilly) - Música (A grande Família de Dudu Nobre, Diante do Trono) poesias (Quem mora na casa torta), ilustrações... - Produção de 01 livro da família - Atividade: uma palavra puxa a outra (texto em forma de teia) e produção de	<u>OBJETIVO</u> - Compreender a importância da família na ocupação do espaço <u>CONTEÚDO:</u> - Importância da família, organização do espaço que moramos, organização do tempo na família. <u>METODOLOGIA:</u> - Produzir um mapa do tempo dos acontecimentos mais importantes ocorridos na família. - Construir uma maquete do espaço

84

da vida a partir do trabalho do campo.	<i>compreensão do nosso país</i> CONTEÚDO: 4º ao 5º ano - Diferentes modos de vida e diferentes grupos sociais. - Dimensão social, cultural e ambiental da cidade e do campo - Modos de vida dos diferentes grupos sociais de nosso estado, comparando-os a outras áreas do país. MOTIVAÇÃO: <i>A importância do trabalho do campo para a vida humana.</i> CONTEÚDO: - Condição de trabalho da família camponesa: meeiro, diarista, comodatário, vaqueiro, assalariados, artesãos, pescadores e outros - Profissões, produtos e serviços ontem e hoje: características; semelhanças e diferenças; razões das modificações. - Profissões e ocupações: atividades e tarefas; locais de trabalho; instrumentos e máquinas de trabalho; remuneração e salário; relações de poder; regras de trabalho.	- Calendário fixo na sala - Rotina Pedagógica - Escolha do nome: a história do nome - Croqui da comunidade localizando a escola - Planta baixa da escola - Pesquisa sobre as mudanças físicas e culturais da comunidade/ município – documentário “Patrick” (vide material escola ativa) - Pesquisa sobre a profissão dos membros da família. - Ilustração da paisagem onde mora - Fazer um levantamento dos costumes e tradições das famílias da comunidade. Textos informativos, cartazes e propagandas das festas dos povos que no ES: Festa do Imigrante Italiano em Santa Tereza; Festa Pomerana, em Pancas; Festa da Polenta, em Venda Nova do Imigrante; Festa do Beiju, em Conceição da Barra; Festas Indígenas, em Aracruz. Outras festas: da Colheita, cavalgadas, juninas, POMITAFRO em Vila Pavão, etc...	
--	---	--	--

LÍNGUA PORTUGUESA			
TEMA GERADOR: A Família (1º Trimestre)			
TEMAS DE PLANO DE ESTUDOS: 1º ano: A minha família, 2º ano: A história da minha família, 3º ano: A nossa moradia, 4º ano: A minha comunidade, 5º ano: A cultura camponesa.			
OBJETIVOS: Desenvolver os processos de leitura, escrita, a partir das identidades, reconhecendo os valores familiares, culturais, locais e da comunidade.			
TEMA DE ESTUDO	ENFOQUE E CONTEÚDOS	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO
“As múltiplas linguagens e produções textuais estão presentes em nossas vivências cotidianas”	MOTIVAÇÃO: <i>Conhecendo nossas origens, compreendemos nosso presente em vista de transformar nosso futuro.</i> 1º ao 3º ano - História da escrita - Linguagem verbal e não-verbal: símbolos, placas, legendas, ícones; - Alfabeto Ordem alfabética; Letras maiúsculas e minúsculas; - Fonética (Noção de fonética: Sons iniciais e finais); - Gêneros textuais: > <u>Narrativo</u> (Gêneros textuais: fábulas, lendas, adivinhas, quadrinhos...); > <u>Poético</u> (Gêneros textuais: poemas, Poesia/rimas, parlendas,	1º ao 5º ano - Leitura compartilhada e individual (diariamente) - Leitura feita pelo educador (diariamente) - Vídeo / livro (história da escrita); - Oficinas sobre a história da escrita (confecção da escrita no barro - interdisciplinaridade com artes, ciências, história e geografia); - Roda de apresentação – nome, sobrenome, idade, comunidade onde moro, lugar onde nasci; - Dinamização da leitura da música: - “Macaquinho” – Bia Bedran - Elaboração do alfabeto com palavras significativas da realidade da comunidade camponesa; - Confecção das letras com barbante, sementes; - Confecção de letras com argila, massa de biscoito de polvilho (interdisciplinaridade com	OBJETIVO - Incentivar o gosto pela leitura de histórias narradas; - Tratar a questão das diferenças, valorizando a diversidade; - Identificar e valorizar a origem das famílias da comunidade; - Reconhecer a leitura, a escrita e a arte como formas de linguagem e expressão humana; - Contribuir para a segurança e autoestima positiva da criança. CONTEÚDO

	músicas...); > <u>Informativo</u> (Gêneros textuais: cartazes, rótulos, bilhetes, certidão de nascimento...); > <u>Descritivo</u> - Sequencição e ordenação dos fatos (introdução, desenvolvimento, conclusão); - Aspectos da fala: entonação, dicção, gestos e posturas; - Sinais de pontuação na produção textual: ponto, vírgula, exclamação, interrogação, ponto e vírgula, travessão, reticências, - Nome Próprio e Comum; - Qualidade/características; - Produção de textos; - Gramática e ortografia contextualizada; 4º ao 5º ano: - História da escrita - Substantivos (conceito) - Artigo; - Gênero do substantivo (masculino e feminino); - Número do substantivo (singular e plural);	artes, ciências, história, matemática e geografia); - Pesquisa e recorte de letras em revistas e jornais; - Ficha Controle de presença (Ordem alfabética); - Organização dos espaços interdisciplinares de aprendizagem com materiais produzidos pelas famílias e comunidades. Ex.: artesanatos, receitas, calendário de produção, objetos antigos, fotos e outros; - Caixa de Sugestão e de Compromisso; - Produção e reescrita dos tipos textuais ligados ao tema gerador; - Pesquisa das cantigas de rodas, parlendas, adivinhas, na família e comunidade; - Reescrita de cartas antigas das famílias; - Contação de histórias da comunidade relatadas por um morador antigo; (produção coletiva do convite que será feito ao morador da comunidade). - Painel decorativo com fotos da família camponesa; - Dinamização de músicas e poesias que retratem o tema gerador: - "A casa" - Vinícius de Moraes Dinamização de contos, lendas, poemas relacionados à cultura das famílias indígena e afro-brasileiras. 1º ao 3º ano	-Produção de linguagens em situações de interação envolvendo a diversidade. -Origem da família, estrutura/composição familiar e valores culturais. - Produção oral e escrita; METODOLOGIA -Observação do desenvolvimento dos estudantes quanto à realização dos trabalhos coletivos e individuais -Organização coletiva de um painel decorativo com fotos da família camponesa. -Auto-avaliação na organização dos cantinhos interdisciplinares -Registro do acompanhamento das produções escritas, nos aspectos textuais e na apresentação
--	--	---	--

	- Divisão silábica: dígrafo, encontro consonantal, encontro vocálico (ditongo, tritongo e hiato) . - Adjetivo; - Sinais de pontuação na produção textual: ponto, vírgula, exclamação, interrogação, ponto e vírgula, travessão, reticência, - Tipos textuais: > <u>narrativo</u> (Gêneros textuais: fábulas, lendas, adivinhas, quadrinhos, mitos, crônicas, relatório...); > <u>informativo</u> (Gêneros textuais: cartazes, rótulos, bilhetes, certidão de nascimento, convites, anúncios...); > <u>descritivo</u> (Gênero textual: autobiografia); > <u>instrucional</u> (Gêneros textuais: receitas, bula...); > <u>poético</u>: (Gêneros textuais: poemas, poesia/rimas, trava-línguas, parlendas, músicas...); > <u>dissertativo</u>; > <u>Argumentativo</u>: dissertativo. - Pronome: pessoal (obliquo e do caso reto), demonstrativo, possessivo, tratamento;	- Produção de crachás – nome dos estudantes - Bingos de palavras -Caça-palavras -Jogos com alfabeto -Construção de dicionário (ordem alfabética) -Dinamização da leitura dos textos: - "Gente tem sobrenome" -Toquinho - "Marcelo, marmelo, martelo" - Ruth Rocha (utilizar corretamente letras iniciais maiúsculas e minúsculas) - "A família do Marcelo" – Ruth Rocha - "As tranças de Bintou, Meninas Negras, (valores, normas e atitudes) - "Dormir fora de casa" – Ronaldo Simões Coelho - "Casa e seu dono" – Elias José -Produção de autobiografia; - Análise de documentos da família: certidão de nascimento, identidade. - Caderno de Registro; - Leitura e escrita de listas diversificadas; - Uso do dicionário; - Recorte de palavras; - Listar os nomes dos colegas e dos membros da família; - Produção da árvore genealógica social (pais, irmãos, avós, pessoas do convívio). 4º ao 5º ano	gráfica -Pesquisa realizada sobre as atividades produtivas na comunidade
--	---	--	---

	- Verbo: tempo, modo, número, pessoa; - Sujeito e predicado; - Concordância: nominal e verbal; - Discurso direto e indireto; - Gramática e ortografia contextualizada; - Preposição - Artigos definido e indefinidos	-Dinamização da leitura dos textos (gênero poético): - "Identidade" – Pedro Bandeira - "Sem casa" - Roseana Murray - "História de uma criança sem terra" - Rosane (14 anos), Rio Grande do Sul (Poema premiado no Concurso Nacional Feliz Aniversário MST, 1999). - "Cidadezinha" – Mário Quintana. -Dinamização das músicas: - "A estória da Coca" – cantada por Bia Bedran - "Asa Branca" – Luiz Gonzaga -Produção de texto a partir da dinamização da leitura e músicas - Produção de poema retratando as vivências camponesas. - Uso do dicionário; - Escrita de relatório das visitas de estudo; - Produção de história em quadrinhos relatando a história da comunidade; - Apresentação dos textos produzidos individualmente propiciando o desenvolvimento da escrita e da oralidade. -Produção da árvore genealógica social (pais, irmãos, avós, pessoas do convívio).	
--	--	--	--

MATEMÁTICA			
TEMA GERADOR: A Família (1º trimestre)			
TEMAS DE PLANO DE ESTUDO: 1º ano: A minha família; 2º ano: A história da minha família; 3º ano: A nossa moradia; 4º ano: A minha Comunidade; 5º ano: A cultura camponesa.			
OBJETIVO: Problematicar a aplicação dos números no cotidiano da família camponesa.			
TEMAS DE ESTUDO	ENFOQUE E CONTEÚDOS	METODOLOGIA	AValiação
	MOTIVAÇÃO <i>Vivemos sob influência marcante dos números desde a hora em que acordamos até a hora em que vamos dormir.</i> 1º ao 3º ano Números e operações - História dos números, seu significado e suas aplicações. - Identificação dos números naturais: Identificação de números pares e ímpares; Antecessor e sucessor dos números naturais; - Sistema de numeração decimal: unidades,	1º ao 5º ano - Problematicar de situações do cotidiano do estudante em que os números são utilizados: pesquisa na família como: hora que acorda, horário das refeições, hora de dormir e outras. - Fazer um mural com a exposição de fotos da família e a quantidade de membros que a compõe. - Relato das histórias sobre a origem dos números (apresentação dos estudantes do 4º e 5º ano aos demais); - Realização de aula interativa: uso do computador; games educativos e sites. - Utilização de jogos educativos que trabalhem unidade, dezena e centena e milhar. - Utilização do material dourado, ábaco, cartazes: de QVL, numerais escritos por extenso. - Bingos numéricos - Construção e organização de sequências numéricas que tenham regras de identificação do próximo número; - Elaboração de problemas a partir da utilização de panfletos e propaganda	OBJETIVO - Reconhecer os números, seu significado e suas aplicações. CONTEÚDO Identificação dos números naturais e ordinais; valor posicional dos algarismos (unidade, dezena e centena). METODOLOGIA - Observação do desempenho dos estudantes quanto a realização dos trabalhos coletivos

dezenas e centenas; valor posicional; decomposição. - Construção e contagem dos naturais. - Utilização dos sinais de maior, menor, igual e diferente. - Leitura e escrita de números em algarismos e por extenso. - Representação de um número por diferentes escritas. - Os números ordinais: leitura, representação e suas aplicações. 4º ao 5º Ano <u>Números e operações</u> - História dos números, seu significado e suas aplicações (Diferentes representações de um mesmo número). - Leitura e escrita de números em algarismos e por extenso. - Números ordinais: leitura, representação e	- Preparação e organização de agrupamentos com regras do sistema de numeração decimal em situações do cotidiano do estudante. - Realização de brincadeiras e gincanas, tria, jogos envolvendo raciocínio lógico por meio de desafios, utilizando material concreto. - Utilização de vídeos e músicas com sequências de número e ordenação (Projeto Video Escola). - Organização de brincadeiras e jogos com contagens como amarelinha, pula corda, parieidas, etc. 1º ao 3º ano - Quantificação de elementos presentes no cotidiano: alunos, disciplinas, objetos, mesas, cadeiras, figurinhas, membros da família, animais de estimação entre outros. - Representação de quantidades utilizando elementos de uso das famílias (objetos da casa, porcos, galinhas, pessoas que moram na casa, etc...) - Brincadeiras com jogos como batalha naval, caça ao tesouro, amarelinha, etc (para reconhecimento dos números). - Observação de partes do corpo para identificação de pares e ímpares; - Leitura e escrita de numerais e produção de cartazes (com simbologia e escrita por extenso). - Utilização Tabela Culinária para compor agrupamentos. - Pesquisa com a família: ordem crescente/ decrescente; data de nascimento, escolaridade (números ordinais). 4º ao 5º ano - Pesquisa, leitura e sistematização do Relato das histórias sobre a origem dos números.	e individuais. - Fazer fichas de acompanhamento diário registrando as atividades realizadas e observações sobre a participação do estudante. - Avaliar as informações colhidas em casa e na comunidade para a realização dos trabalhos estatísticos. - Auto avaliação sobre a participação de cada estudante nos trabalhos de pesquisa de dados. - Demonstrar percepção de noções matemáticas com visão de sociedade a qual está inserido e fomentação de novos afazeres para autonomia
--	--	---

MATEMÁTICA			
TEMA GERADOR: A saúde (3º trimestre)			
TEMAS DE PLANO DE ESTUDO: 1º ano: Higiene do nosso corpo, 2º ano: Nossos alimentos, 3º ano: Os cuidados com o meio em que vivemos, 4º ano: Os cuidados com a nossa saúde, 5º ano: Nossa alimentação			
OBJETIVO: Representar por diferentes linguagens matemáticas dos referentes a saúde da comunidade.			
TEMAS DE ESTUDO	ENFOQUE E CONTEÚDOS	METODOLOGIA	AValiação
<i>Lendo e Interpretando a saúde da minha comunidade.</i>	MOTIVAÇÃO: <i>A saúde da comunidade pode ser representada por diferentes linguagens matemáticas.</i> 1º ao 3º ano Tratamento da informação - Leitura e interpretação de tabelas e gráficos. - Representação por meio de tabelas e gráficos. - Ler e interpretar textos diversos. 4º ao 5º ano - Leitura e interpretação de tabelas e gráficos. - Representação por meio de	1º ao 5º ano - Organização de tabelas com o controle de frequência dos estudantes. - Levantamento da idade dos membros da família e o uso de gráficos para a representação. - Apresentação do Censo (IBGE): conceito, objetivos e como é realizado. - Confecção de cartazes com tabelas e gráficos de barras com base nas alturas dos estudantes, época de plantio, colheita, cultura produzida na comunidade, município e estado, juntamente com calendário de produção. - Construir tabelas e gráficos que representem a quantidade de produção agrícola por família e região. - Colher dados sobre o uso de agrotóxicos na região e refletir sobre as suas consequências; - Levantamento em gráficos e tabelas sobre a produção de	OBJETIVO: - Construir e interpretar tabelas e gráficos em suas mais diversas formas e contextos. CONTEÚDO: - Tabelas e gráficos: Média aritmética. METODOLOGIA: - Observação do desempenho dos estudantes quanto a realização dos trabalhos coletivos e individuais. - Fazer fichas de acompanhamento diário

	tabelas e gráficos - Organizar dados em gráfico de barras. - Ler e interpretar textos diversos. - Cálculo de média aritmética, seu significado e aplicações.	remédios caseiros. - Montar tabelas e gráficos com os principais objetos que usam em casa para manter a higiene e fazer uma comparação entre os listados; - Fazer pesquisas e exposição em tabelas e gráficos dos principais alimentos a serem consumidos para se preservar uma boa saúde. (Sugestão: incentivar um dia de visita da família a escola para assistir a exposição). <u>1º ao 3º ano</u> - Utilizar materiais concretos (madeira, cartazes, etc.) para a construção dos tipos de tabelas e gráficos. - Montar tabela e gráfico com os alimentos mais produzidos na região e que são consumidos pela família. - Pesquisar e coletar dados sobre o consumo de alimentos industrializados e seus perigos à saúde. - Pesquisar e coletar dados sobre a produção de lixo, o consumo de água e energia elétrica de cada família refletindo no futuro do meio ambiente. <u>4º ao 5º ano</u> - Apresentação e interpretação de textos, modelos de gráficos e de tabelas em jornais, revistas e outros meios de comunicação. - Fazer uma pesquisa nas famílias e registrar em tabelas e gráficos as doenças encontradas, suas causas e as atitudes a serem tomadas para a prevenção. (Sugestão: os estudantes elaborarem folders para distribuição às famílias). - Fazer uma estimativa das médias de cada pesquisa realizada na metodologia coletiva e fazer as devidas	registrando as atividades realizadas e observações sobre a participação do estudante. - Avaliar as informações colhidas em casa e na comunidade para a realização dos trabalhos estatísticos. - Auto avaliação sobre a participação de cada estudante nos trabalhos de pesquisa de dados.
--	---	---	---

